

**CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA  
ETEC DA ZONA LESTE**

**ANA CLARA REIS DOS SANTOS  
JOÃO PEDRO REIS DOS SANTOS  
LAYSA FIRMO ROCHA  
THAIS SOUZA MENDES**

**CICLO DE VIDA DA MOEDA  
Avanços Tecnológicos ao Longo do Tempo**

**São Paulo**

**2022**

**ANA CLARA REIS DOS SANTOS  
JOÃO PEDRO REIS DOS SANTOS  
LAYSA FIRMO ROCHA  
THAIS SOUZA MENDES**

**CICLO DE VIDA DA MOEDA  
Avanços Tecnológicos ao Longo do Tempo**

**São Paulo**

**2022**

**ANA CLARA REIS DOS SANTOS**  
**JOÃO PEDRO REIS DOS SANTOS**  
**LAYSA FIRMO ROCHA**  
**THAIS SOUZA MENDES**

**CICLO DE VIDA DA MOEDA: Avanços Tecnológicos ao  
Longo do Tempo**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado a instituição ETEC da Zona  
Leste como parte da obtenção da nota final a  
fim de finalizar o processo de aprendizagem  
no curso de Administração.

Aprovado em: / /

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. ° FERNANDO MALVA

---

Prof. ° FRANCIMAR DOS SANTOS SOUZA

---

Prof. ° REGIANE BORGES MARCILIO REIS SUZARTE

## **DEDICATÓRIA**

Gostaríamos de dedicar este trabalho à nossas famílias, pois sem o apoio deles, não teríamos capacidade para desenvolver e consumir este trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradecemos as nossas crenças por nos dar forças para superar as dificuldades para concluir esse trabalho.

A cada um de nós integrantes do nosso grupo, por todo o apoio e pela ajuda, que muitos contribuíram para a realização deste seminário.

Ao professor Fernando Malva pelas correções e ensinamentos que nos permitiram apresentar um melhor desempenho na realização deste trabalho.

A ETEC Zona Leste, que está sendo essencial no nosso processo de formação, pela dedicação e por tudo que aprendemos até aqui ao longo do curso.

## RESUMO

Sendo sinônimo de felicidade para muitos e infortúnio para outros, o dinheiro exerce papel fundamental para a humanidade. Com importância imensurável para criação do mundo que conhecemos, seu desenvolvimento foi longo e tortuoso. O trabalho tem como objetivo estudar o processo que engloba a criação do dinheiro, de forma a permitir o esclarecimento de suas funcionalidades, serviços e propostas. Ademais, desejamos buscar entender de que forma a sociedade foi impactada em meio às mudanças ocorridas. Para cumprir o propósito, coletamos informações através de livros, artigos, reportagens e, ainda, realizamos uma pesquisa de campo. No final deste estudo, tiramos como resultado que os processos econômicos passaram por uma grande mudança desde sua existência até o vigente, recebendo constantes melhorias pelo homem que visam simplificar seus métodos e inovar com novas criações. Contudo, a parte massiva da população não acompanhou tais transformações, deixando claro a implementação de educação financeira na vida das pessoas.

**Palavras-chave:** dinheiro, processos econômicos, educação financeira, sociedade, transformações.

## ABSTRACT

Being synonymous with happiness for many and misfortune for others, money plays a fundamental role for mankind. With immeasurable importance for the creation of the world as we know it, its development has been long and tortuous. This paper aims to study the process that encompasses the creation of money, in order to allow the clarification of its functionalities, services and proposals. Furthermore, we want to understand how society has been impacted by these changes. To fulfill the purpose, we collected information through books, articles, reports, and conducted a field research. At the end of this study, the result is that the economic processes have undergone a great deal of change since their existence until now, with constant improvements by man, who aims to simplify his methods and innovate with new creations. However, the massive part of the population has not followed such transformations, making clear the implementation of financial education in people's lives.

**Keywords:** money, economic processes, financial education, society, transformations.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1 —	Tipos de empréstimos .....	36
Figura 2 —	Organograma FINAME .....	38

### GRÁFICOS

Gráfico 1 —	Composição de crédito de Pessoa Física .....	44
Gráfico 2 —	Pagamentos em atraso (%) há mais de 90 dias .....	44
Gráfico 3 —	Créditos em atraso de 15 a 90 dias sobre total (%) .....	45
Gráfico 4 —	Inadimplência – Créditos em atraso acima de 90 dias sobre total (%) ..	46
Gráfico 5 —	Despesa de PDD/carteira de crédito ampliada (crédito, fianças e títulos) .....	46
Gráfico 6 —	Inadimplência (acima de 90 dias) dos bancos .....	47
Gráfico 7 —	Crédito PF – Over 90 PF   Atraso por modalidade (%); Comprometimento de renda (CR); Endividamento das famílias .....	48



## SUMÁRIO

1. ANTES DE CÉDULAS E INSTITUIÇÕES	14
2. SURGIMENTO DAS AGÊNCIAS FÍSICAS	19
2.1 INTRODUÇÃO DE PROCEDIMENTOS E CARGOS BANCÁRIOS	19
2.2 PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS NO BRASIL	20
2.3 A CASA DA MOEDA NA COLÔNIA	22
2.4 BANCOS DO BRASIL	24
2.5 CAIXA ECONÔMICA E MONTE DE SOCCORO	26
3. CRÉDITO	29
3.1 ORIGEM E IMPACTO	31
3.2 TIPOS DE CRÉDITO	33
3.2.1 EMPRÉSTIMO PESSOAL	34
3.2.2 EMPRÉSTIMO PESSOAL COM GARANTIA	34
3.2.3 EMPRÉSTIMO PESSOAL CONSIGNADO	34
3.2.4 CARTÃO DE CRÉDITO	35
3.2.5 CHEQUE ESPECIAL	35
3.2.6 CONSÓRCIO	35
3.2.7 FINANCIAMENTO	37
3.2.7.1 FINANCIAMENTO DE VEÍCULOS	37
3.2.7.2 FINANCIAMENTO ESTUDANTIL	37
3.2.7.3 FINAME	37
3.2.7.4 FINANCIAMENTO IMOBILIÁRIO	38
3.3 PERIFERIA JOVEM	39
3.4 INADIPLÊNCIA, ENDIVIDAMENTO E INSOLVÊNCIA	43
4. INSTITUIÇÕES DIGITAIS	49
5. PLANO REAL	58
6. IMPLEMENTAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NO MERCADO FINANCEIRO	60

<i>7. NOVAS POSSIBILIDADES E TENDÊNCIAS FUTURAS PARA O MERCADO FINANCEIRO</i>	<i>66</i>
<i>8. PESQUISA DE CAMPO</i>	<i>68</i>
<i>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	<i>70</i>
<i>10. REFERENCIAS</i>	<i>72</i>

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que desde o início da humanidade o homem busca defender-se em prol da sobrevivência, tomando medidas para poder suprir suas necessidades básicas: caçar animais para matar a fome e mudar de lugar assim que a comida se esgotava. Eventualmente, o homem “pré-histórico” descobriu como controlar o fogo, criou a agricultura, passou a ter moradia fixa, aprendeu a domesticar animais e aprimorou suas armas e utensílios, criados a partir do bronze. O uso da escrita marcou o início de uma nova fase, a chamada Antiguidade, da qual nasceram as civilizações onde havia hierarquias, governantes e regras de convívio bem estabelecidas.

O surgimento das civilizações marcou o início da consolidação do ser coletivo, alguém cuja relação de interdependência é necessária. Essa via de mão dupla acabou por vir com algumas particularidades, tal qual a exigência de um Estado, como poder maior, para controlar o povo e suas finanças, deste modo, surgiram métodos e práticas adotadas por líderes para gerenciar as riquezas de suas nações, como a criação da casa da moeda, órgão público com o propósito de armazenar o montante do reino, ou o primeiro banco brasileiro, tal qual é o Banco do Brasil. Ademais, ainda devem ser ressaltadas as profissões que tomaram para si a responsabilidade de guardar a estimada quantia do povo — os banqueiros.

Embora tenham sido decisões sábias, não aconteceram de uma noite para a outra. Atravessando crises, instabilidades e recessões financeiras fizeram com que o caminho a ser tomado fosse mais nebuloso do que o esperado, por todo o mundo. Escolhas que a princípio eram sensatas logo ficaram antiquadas e tiveram que ser aprimoradas para algo maior, por exemplo os *goldsmiths note* que podem ser apelidados como os predecessores do cheque (já que ambos representavam um valor guardado da pessoa física/jurídica sem necessariamente ter que carregá-lo no bolso).

Assim como dito anteriormente, os *goldsmiths notes* baseavam-se na crença de ter, a ideia de possuir algo sem nunca o ter tocado, e foi dessa noção que foi fabricada e vendida o crédito como operação financeira.

Ainda que tenha sido criado séculos antes do primeiro banco do mundo (sendo datado por volta de 3.500 a.C e tendo tido papel fundamental em todos os períodos da humanidade: pré-história; idade antiga; idade média; idade moderna; e a atual idade contemporânea), o crédito é um indicio do quanto a criatividade e racionalidade do ser

podem atingir níveis extraordinários, quando utilizadas em conjunto. O conceito descoberto pelos sumérios abrangeu o mundo todo, criando uma linha de continuidade que partia do Oriente Médio e segue até a América do Sul. Embora constatada que não necessariamente acontecia numa progressão direta, mostrando que muitas vezes aquilo que estava sendo descoberto no Leste Europeu encontrava-se em desenvolvimento a anos no norte da Ásia, não devem ser encaradas como retardo ou tardança pela parte do outro a maior “demora” para o desenvolvimento da prática creditícia. Na realidade, devido as condições precárias para comunicação nas épocas que antecederam o séc. XX, é comum imaginar que diversas nações tiveram que reinventar este processo, além de adaptá-lo para o ambiente em que viviam, como os ingleses em 1800 originando o conceito do cliente inadimplente, ou os norte-americanos, apenas 60 anos mais tarde, elaborando a ideia de financiamento automobilístico (este devendo agradecimentos ao crédito, pois foi com o aumento da oferta de empréstimos que o setor industrial de veículos pôde crescer exponencialmente em poucas décadas).

Não somente de contexto histórico o crédito apresenta-se, suas ramificações e propósitos atendem os mais variados usos. Indo de empréstimos a financiamentos, o consumidor creditício pode optar por aquilo que melhor se adequa a sua necessidade, todavia, as instituições financeiras estão mais que familiarizadas com isto — o que acaba gerando uma ligação dominador-submisso.

A constante oferta por crédito adjunto as falsas noções de inclusão que as mídias vendem fazem o sujeito ficar encurralado e carente por aceitação e afeto social, fazendo com que recorra ao dinheiro, porém, não havendo a existência deste, a ideia do dinheiro — o crédito. Desta forma os bancos aproveitam-se daqueles debilitados e o empalam com juros exorbitantes, vendendo essa ambição social que tanto necessitam para se sentirem vistos, e com isso em mente vão atrás daqueles com menor possibilidade de conseguir sozinho o que tanto almejam, chegando assim nas periferias.

Retomando a ideia das instituições financeiras, com o passar dos anos tornou-se cada vez mais preciso a praticidade para operações bancárias e o própria deslocamento ao banco tornou-se uma ideia boba, daí nasceram as instituições digitais.

Com promessas de facilitar o atendimento e economizar sua paciência, bancos digitais que cabem na palma da sua mão ficaram cada vez mais comum entre a população brasileira, visto que os mesmos não possuíam tantos embargos ou limitações quantos os

físicos e eram adeptos às novas tecnologias que eram diariamente aperfeiçoadas, como o PIX. Outro grande avanço foram as fintechs, startups de tecnologia financeira que buscam um novo rumo neste setor rotineiro e com pouco espaço para novas ideias, além de que estas mesmas empresas invasoras no ramo bancários desejam ampliar a visão do consumidor para algo além do que este estar acostumado, gerando assim tendências futuras que devem ser observadas de perto, pois cada estão cada dia mais perto.

Portanto, a caminhada para chegar nos dias de hoje foi feita a passos curtos, mas promissores, e olhar para trás possibilita uma compreensão de como a espécie vive em constante busca pela melhoria do bem-estar e do desejo de ir além dos instintos primitivos, de modo que lazer e empatia passam a ser essenciais e não mordomias. Sob esta perspectiva, se faz necessário o estudo das trocas, dos bancos (físicos ou digitais), do crédito, das inovações tecnológicas que atordoam o mundo, dentre outros. Assim sendo, tudo se resume a processos na história da moeda, este que move o mundo pela fundamentalidade que apresenta para a evolução e funcionamento das sociedades como um todo.

## ANTES DE CÉDULAS E INSTITUIÇÕES

Segundo Barreto (2009), o *Escambo* era a prática de troca utilizada na antiguidade da qual não havia o uso da moeda e nem mesmo possuía equivalência de valor. No escambo ocorria a troca de animais e tudo aquilo que se pode consumir, como grãos e até mesmo couro. Geralmente, os produtos usados eram excedentes, afinal é natural que um indivíduo veja vantagem em trocar o item que tem em sobra por outro que não tem. No Brasil, tal meio de pagamento passou a ser utilizado no pré-colonial, envolvendo as primeiras relações entre portugueses, que ofertavam itens como espelhos e quinquilharias, e indígenas, que cediam o pau-brasil. A prática não deixou de existir após a colonização, pois sempre havia o que trocar, chegando a serem negociadas armas de fogo e cavalos por mulheres ou nativos escravizados (SOARES, O. 2014 apud VAINFAS, 2000, p. 203).

Ao decorrer do tempo o escambo passou a ser inviável, fazendo-se necessário criar outro meio para as trocas. Assim, surgiu a moeda-mercadoria, que, como seu nome sugere, implica a mercadoria tratada como uma moeda (desde que o valor do produto em questão seja de aceitação geral). Apesar de qualquer item poder ser negociado, é sua utilidade que irá definir o quão interessante será a transação, como explica Reis (2019).

Para exemplificar seu funcionamento basta pensar no momento em que o ser humano teve contato com o sal, onde não demorou muito para descobrir o quão importantes são suas características, sendo as principais conservar, dar sabor à comida e ajudar na cicatrização. Por não ser fácil de obtê-lo, logo o sal passou a ser considerado um alimento sagrado e se tornou uma forma de pagamento. Assim, foi criada a palavra “salário”, pois os soldados romanos eram remunerados com uma porção de sal. Mesmo tendo sido tão valioso antigamente, ele não seria uma moeda-mercadoria vantajosa atualmente, tendo em consideração como é de fácil acesso para todas as classes sociais.

A época e aquilo que cada comunidade ofertava afetava diretamente as negociações. Alguns exemplos de itens que já obtiveram o status de moeda-mercadoria são o açúcar, o tabaco, a carne e o sal. O gado de raça bovina teve destaque durante centenas de anos, pois apresentam o benefício da locomoção, se reproduzem facilmente, podem ajudar em serviços e fornecem o couro. Foi a partir das transações com o uso de gado que surgiu o termo “pecúnia”, que significa riqueza, além dos termos “valores pecuniários” e “pecúlio”, tendo como definição respectivamente “dinheiro acumulado” e “patrimônio”. Um dos problemas dessa modalidade de troca era a falta de praticidade.

Evidentemente, não há facilidade em carregar sacos pesados com comida para poder negociar com outra pessoa. Sendo assim, os babilônios desenvolveram uma solução.

De acordo com Versignassi (2019), no sistema criado pelos babilônicos o indivíduo fazia o depósito dos sacos com grãos do qual recebia em silos de armazenamento mantidos pelo rei e ganhava um tablete de argila que continha o montante de mercadorias depositadas lá. É possível comparar os tabletas com cédulas e os silos com os bancos, inclusive, esse povo emprestava os tabletas a juros e cobravam juros compostos, deixando ainda mais claro as semelhanças com a atualidade. Por mais revolucionário que esse conceito seja a ideia não foi para frente, porque, o lastro de dinheiro e os grãos estragavam fazendo com que os tabletas perdessem seu valor.

Como explica Santos (2014), naturalmente o homem precisou desenvolver um meio de troca universal, pois usar a moeda-mercadoria era muito instável, afinal assim que o item usado adquiria valor, sua demanda ficava maior. Não dá para negar que as moedas-mercadorias foram importantes, porém a busca pela praticidade trouxe consigo novas exigências ao dinheiro. Rossetti (2015) listou em seu livro os requisitos essenciais que uma moeda deveria seguir, sendo eles a homogeneidade, inalterabilidade e indestrutibilidade, divisibilidade, transferibilidade e facilidade de manuseio e transporte. Como o dinheiro-mercadoria não preenchia esses requisitos, os povos mais desenvolvidos da antiguidade passaram a utilizar um meio diferente, os metais.

*“A moeda nos tempos anteriores a Cristo, desenvolvida com essas exigências, rapidamente permitiu que as pessoas tivessem como acumular riquezas e que os governos pudessem implantar, com sucesso, o recolhimento e a coleta de impostos.” (SANTOS, 2014)*

Os metais trazem consigo muitos motivos para serem apreciados, podendo-se citar o fato de que são belos e vistosos, além de serem capazes de produzir armas, utensílios e acessórios, como anéis ou colares. As primeiras moedas de cobre surgiram em Lídia, atual Turquia, no século VII a.C. Nessa época surgiu também a cunhagem a martelo, na qual, com o uso de um martelo, era possível colocar na moeda as características desejadas (GONÇALVES, 1984).

A parte frontal das moedas, que recebiam o nome de *estáter*, possuíam ranhuras e uma depressão no verso que visava atestar a qualidade do metal. Inicialmente, nela era estampada um leão, símbolo da dinastia reinante na Lídia. Não demorou para outras cidades-estados gregas copiarem a ideia, suas variações possuíam símbolos monetários contendo deuses e animais (VIEIRA, 2017).

Por mais que tenha surgido na Lídia, a adoção da moeda metálica pelos gregos a tornou um item típico da cultura grega, de modo que eles foram os principais responsáveis por desenvolver e difundir a moeda. Por cerca de VI a.C. seu uso na Grécia continental era comum, estava em vigência nas cidades Egina e Atenas. Através do povo grego as primeiras moedas alcançaram a Península Ibérica, estes também exerceram influência na decisão da Roma de adotar esse tipo de moeda no século IV a.C. (VIEIRA, 2017).

A Roma produzia suas moedas para remunerar o exército e deixar as finanças do império mais organizadas (SANTOS, 2014). Consoante Vieira (2017), no final do século III a.C., as moedas estavam totalmente incorporadas na economia e cultura romana e funcionaram por muito tempo, mas um problema surgiu: durante o governo do imperador Diocleciano foram realizados projetos que causaram um estrondoso aumento de gastos públicos. Para o financiamento destas atividades governamentais, ocorreu uma alta no preço dos impostos, resultando no declínio do comércio. O imperador encontrou como saída deixar de produzir o câmbio utilizando apenas ouro, prata e cobre e ao em vez disso, uma quantia menor dos metais mais valiosos misturada com outros metais mais baratos, decorrendo na desvalorização da moeda e por consequência, sendo um dos motivos para ter ocorrido o efeito inflacionário que enfraqueceu o império romano (EBELING, 2021).

O início do século XVII foi um período conturbado no continente europeu, principalmente na Inglaterra. Havia indícios de uma possível crise econômico-social que preocupou os domínios britânicos, além da eclosão da Guerra dos Trinta Anos, que originou desvalorizações metálicas nas moedas. Esse cenário ocasionou o fluxo massivo de moedas da Europa ocidental à região em que ocorria os conflitos, cativados pelo potencial aumento na arbitragem entre os valores nominais e metálicos. Essa escassez de moeda pesou para a Inglaterra, que já lidava com a crise de sua manufatura têxtil. Em 1621 a crise comercial era pautada na Câmara dos Comuns e no ano seguinte, ocorreu a instauração de uma comissão para buscar causas e possíveis soluções. Sob esse viés, nasceu o mercantilismo britânico (SUPRINYAK, 2008).



Mercantilismo se trata de uma doutrina econômica que possuem cunho protecionista. Utilizado em vários países, a prática dispunha de variações devido aos diferentes interesses de cada nação (LACOMBE, 2014). “O mercantilismo [...] caracteriza o período histórico da Revolução comercial (séculos XVI-XVII), marcado pela desintegração do feudalismo e pela formação dos Estados Nacionais”. SANDRONI (1999).

Os principais dogmas do mercantilismo são o metalismo, nacionalismo, colonialismo e uma sociedade vasta com foco no trabalho. Em síntese, estes princípios indicam que uma nação precisa de ouro e prata para ser considerada rica, a necessidade de ampliar colônias para expandir o comércio, pregam o fortalecimento do Estado e enriquecimento da burguesia, além de deixar claro que o povo deve ser orientado para o trabalho — este que não era bem remunerado —, em prol do custo de produção baixo a favor das exportações (DEZORDI, 2010).

O Brasil também foi impactado pelos ideais mercantilistas. Novais (1998) esclarece que ao decorrer dos séculos XVI, XVII e XVIII, o exclusivismo metropolitano do comércio colonial se constituiu com um mecanismo injusto do qual os mercadores das metrópoles se apropriavam dos lucros excedentes gerados pelas colônias. Apenas em 1808, com a chegada de Dom João VI ao Brasil, essas restrições mercantis foram eliminadas, possibilitando a instalação de indústrias nativas e o comércio direto com as outras nações.

Consoante Machado (2014), o mercantilismo vigorou por cerca de 300 anos, porém, este sistema acabou decaindo devido o surgimento das teorias liberais — estas que impugnam o papel que o Estado exerce na economia — e ao desenvolvimento pelo qual as indústrias inglesas passaram, motivo ocasionador da Revolução Industrial.

De acordo com Rossetti (1997), a primeira cédula surgiu na China há mais de mil anos. O dinheiro era guardado em casas de custódia e como uma garantia, ofereciam os recibos em papel onde havia escrito o valor da quantia guardada. Devido a confiabilidade dessa prática, essa forma de pagamento se popularizou. Se aproveitando desta situação, as casas de custódia passaram a fazer empréstimos através dos recibos, mas sem o lastro metálico, de modo que nem havia a quantia de moedas guardadas para efetuar o pagamento. Nessa época, esses recibos começaram a ser nomeados de papel-moeda.

Graças aos riscos oferecidos nos empréstimos citados, a população que pagava com essas notas ficou insegura, decorrendo na proibição de produção do papel-moeda por parte das casas de custódia. O poder público regulamentou a emissão das notas. Durante muito tempo essa emissão era realizada por apenas uma instituição bancária comandada pelo governo, denominada de “Banco Central”. Dessa forma, o governo passou a emitir o dinheiro. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, 2010)

Os fatores citados durante o capítulo viabilizam o entendimento de como a sociedade, e não apenas a que conhecemos atualmente, gira em torno do dinheiro, até mesmo na época em que ele ainda não recebia esse nome. Cada etapa seguida até o surgimento do dinheiro em forma de papel, que desempenha importância imensurável para a economia, devido sua maior praticidade, rapidez e facilidade na troca de itens e à criação dos bancos, que fornecem funcionalidades fundamentais para as atividades comerciais, representa um degrau da interminável escada que nos leva até os dias de hoje.

## **SURGIMENTO DAS AGÊNCIAS FÍSICAS**

O ato de trabalhar com a moeda vem de uma exigência antiga, a evolução desse processo não é repentina e a eclosão dos bancos são a resolução dessa indispensabilidade. "Os bancos surgiram na Europa no fim da idade média, como fruto da expansão comercial do período e desde então não pararam de ganhar importância, até se tornarem a base do sistema financeiro moderno" (Click e aprenda, UOL 2005)

O reconhecimento comercial que alvoreceu a Baixa Idade Média (XI–XIII), foi influenciado pelo grande crescimento populacional, resultado de um declínio nos ataques entre reinos, dando origem a um amplo progresso na sociedade. Em princípio a comercialização era negociada a partir da troca de artefatos como: ouro, prata, bronze, diferentes tipos de pedras, cigarros, entre outros. Todavia, passado o tempo a troca de engenhos precisou passar por uma transmutação. Já se via a necessidade dessa troca de remuneração, uma vez que o aperfeiçoamento da economia estava em desenvolvimento. A conversão para cédulas e moedas vieram como uma grande mudança no sistema econômico da época, dando origem à profissão dos banqueiros e origens de dependências bancárias para a troca de moedas.

A necessidade do surgimento das primeiras agências bancárias veio a partir de já existir a imposição de guardar e emprestar dinheiro. Segundo diversos autores de editoriais (ESTADÃO, 2002; HISTÓRIA DE TUDO, 2016), historiadores acreditam que o desenvolvimento bancário foi de partido da civilização fenícia, há cerca de 2.500 anos a.C, ainda assim pode-se enxergar grande intervenção da China na criação de comercialização a partir de moedas no período de 1.100 a.C., e na Ásia Menor, mais precisamente Lídia, como principiante ao uso da moeda no século VI a.C. O uso da moeda acabou se entendendo pelo sul da Europa, justamente na Grécia Antiga, dando entrada a dispersão da mesma pela região mediterrânea, chegando assim à Europa Ocidental.

### **2.1 Introdução de procedimentos e cargos bancários**

Com o continente Europeu sempre em desenvolvimento mais ligeiro, o desdobramento de dependências bancárias já estava em progresso, junto com cargos vistos como inescusáveis para a troca de moedas. Podendo observar que, na época já havia um procedimento reconhecido. Homens caracterizados como banqueiros faziam a inspeção das moedas e avaliava-as, para julgar a autenticidade e qualidade dos metais que os comerciantes estavam usando como troca de remuneração. Os mesmos mediadores

recebiam uma porcentagem pelos trabalhos. Segundo redatores (METLIFE, 2020) famílias de banqueiros que seguiam a tradição tiveram grande influência na história, dando origem ao início de agências bancárias a partir do século XV.

A função dos bancários foi muito importante para este processo histórico que teve muita influência na economia, o surgimento de suas profissões deu origem a diferentes procedimentos na área, como a responsabilidade de acomodar e dispor dinheiro para seus clientes e fornecer recibos e/ou quitações com as quantias guardadas. Esses recibos foram a trajetória para a eclosão da cédula. Conhecidos como “Goldsmiths notes” essas quitações eram servidas como embolso dos seus detentores, além de serem mais seguras do que carregar cédulas a mão livre no período. Futuramente esses papéis dariam início as cédulas de dinheiro que seriam usadas comercialmente na época.

Os “Goldsmiths notes” foram muito importantes para a introdução de processos bancários, com eles os proprietários de moedas da época poderiam retirar no momento que desejassem a quantidade quista de dinheiro. Com o tempo passado, aplicado esse procedimento os bancários da era criaram uma forma de sistema para que pudessem cobrar juros de seus clientes, usando parte desse engenho de seus fregueses guardado, com o objetivo de ministrar empréstimos. Logo, através de empréstimos feitos a partir de fundos de clientes, (qual não estavam sendo usados no momento) eram embolsados juros em cima, fazendo assim instituições bancárias conseguirem criar uma técnica de acumular capital. *“Depois de notar que nem sempre as pessoas retiravam toda a quantia que foi depositada, surgiu a ideia da concessão de empréstimos com juros, pois sempre havia dinheiro para circular. (METLIFE, 2020) ”*. Esse sistema não só enriqueceu bancos, como favoreceu banqueiros da época, vistos antes apenas como cambistas. Com o passar dos anos, os banqueiros começaram a aceitar depósitos em dinheiro.

## **2.2 Primeiras instituições bancárias no Brasil**

Os primeiros bancos a serem identificados foram todos de descendência europeia, reconhecido como “Banco di San Giorgio” ou “Banco de São Jorge” (1407-1805), o mesmo é representado como um dos bancos mais antigos a serem registrados, domicilia-se em Genova.

*“Com o passar dos anos, mais e mais bancos foram tomando conta do mundo. Os países foram criando seus próprios bancos. Mas somente em 1983, os*

*serviços bancários eletrônicos foram criados na Escócia e acabaram se tornando uma forte tendência em todo o planeta”. (METLIFE, 2020)*

A presença de instituições bancárias no país veio de forças financeiras da Europa, comércio favorecidos, disputa no mercado de produtos manufaturados e trocas de mercadorias. *“Com seu sistema de trocas os ingleses conseguiram acumular prata do México e do Peru, e o ouro brasileiro, tornando-se a mais forte praça financeira da Europa”.* (PINTO, Gabriela, SURGIMENTO DOS BANCOS E POLÍTICA MONETÁRIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX, 2012, p.10)

Com Portugal sempre com conturbações e problemas econômicos por contas de guerras e conflitos acabou por se causar muitos impasses político-econômicos.

*“No início do século, o sistema financeiro português apresentava forte desequilíbrio esgotado pelas guerras ora para manutenção de seu estado de independência, ora para manutenção do Império colonial português. Estas guerras colonialistas, a queda das receitas oriundas do comércio exterior pelas perdas de colônias, os pagamentos de juros pelos créditos adquiridos, as retiradas de renda por Madrid (por conta da União Ibérica) e os elevados gastos da coroa foram os fatores que propiciaram uma enorme crise político-econômica. (PINTO, Gabriela, SURGIMENTO DOS BANCOS E POLÍTICA MONETÁRIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX, 2012, p.10)*

Entre os séculos XVI E XVII, Portugal começava a técnica de registro monetário e controle de moedas. Um processo de cunhagem era feito com todos os metais que o Estado português tinha acesso, os mesmos definiam a circulação da moeda. As moedas que chegavam ao Brasil eram por meio de transações com Portugal e comércio na região do Rio da Prata.

Moedas da época que circundavam eram usadas para quitações de peças e despesas trazidos de outros países.

*As moedas utilizadas domesticamente sofriam o “levantamento”, isto é, o valor em unidade de conta das moedas era manipulado pela metrópole ou pelas autoridades coloniais de tal forma que seu valor extrínseco era elevado*

*sem alterar o valor intrínseco na tentativa de evitar o fluxo de moedas para fora da colônia. (PINTO, Gabriela, SURGIMENTO DOS BANCOS E POLÍTICA MONETÁRIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX, 2012, p.14)*

Como citado antes outros tipos de meios de pagamentos foram trabalhados na colônia (Brasil), como pagamentos escriturais e câmbio de mercadoria. Entre os tipos de bens que eram usados temos como principal atuante o açúcar, que era trabalhado em troca de escravos, insumos e artigos agrícolas. A utilização deste item como permutação foi o por conta do esgotamento de minas de ouro e prata, acrescentado a crise portuguesa, que causou em muitas perdas, resultando queda nas exportações na capital, que despertou uma carência pecuniária na colônia, mais precisamente no Rio de Janeiro no século XVII. A obrigatoriedade da utilização do açúcar como dinheiro veio de ordem do governador da época, que tinha que lidar e achar uma resposta para a crise em que o Estado se encontrava, porém a lei que prescrevia o uso do açúcar como dinheiro não persistiu e foi abolida em 1663 por conta da imposição dos comerciantes, já que o açúcar em si tinha outro valor nas cotações internacionalmente, causando perda de capital aos mesmos.

### **2.3 A Casa da Moeda na colônia**

Após muitas intervenções entre reino e colônia, por conta de “levantamentos” não permitidos por Portugal, com o objetivo de desvalorizar a moeda corrente no país (Brasil) ao reino, a escassez monetária foi se agravando.

Os “levantamentos” sem autorização superior ocorreram por tentativa de corrigir a carestia que a colônia se encontrava. No momento vivido na época, além da fuga do valor da moeda para metrópole, a insuficiência pecuniária também se alastrou por conta do: comércio internacional; a queda da valorização dos produtos brasileiros e emissão dos lucros e impostos. Todos esses infortúnios decorreram a condutas dentro da colônia que foram o estopim para essas atitudes sem consentimento do reino, que ficou conhecida na época como “motins da moeda”.

Todas as questões políticas e econômicas geraram instalação da Casa da Moeda no Brasil em Salvador no ano de 1694 pelo governo português. A finalidade principal era unificar todos os tipos de moedas que estavam circulando na colônia ao mesmo tempo, com o propósito de preencher a demanda monetária que a colônia brasileira se encontrava. Não apenas uma Casa da Moeda foi instalada como algumas sedes em Rio de Janeiro e

Pernambuco também foram necessárias. A “demanda” de mais Casas da Moeda” veio por urgência de cunhagem das mesmas, já que capitânicas específicas da época possuíam a maior quantidade de moedas em circulação por terem um comércio mais desenvolvido.

Com o grande descobrimento de ouro em Minas Gerais em 1693, um generoso deslocamento de ouro e prata passou a ser transferido entre Rio de Janeiro a Bahia, que se deu a necessidade a substituição da Casa da Moeda para o Rio de Janeiro em 1699 por um período estipulado. Nesse período ainda outras capitânicas também despachavam moedas para a Bahia, estados como Pernambuco e Paraíba, entretanto por conta da grande dificuldade de locomoção das riquezas foi necessário transferir novamente a Casa da Moeda, porém desta vez para Pernambuco, que ficou em atividade até 1702.

*Nesse período, as capitânicas existentes que remetiam moeda para a Bahia para cunhagem eram: Rio de Janeiro, Pernambuco e Paraíba. Os pernambucanos atrasavam as remessas de moedas, pois a intenção era demonstrar os diversos riscos de envio, seja por mar ou por terra. Assim, após convencer o governador da Bahia e do Rio de Janeiro, a Casa da Moeda foi transferida para Pernambuco onde funcionou até 1702, quando foi, mais uma vez, transferida para o Rio de Janeiro.*

(PINTO, Gabriela, SURGIMENTO DOS BANCOS E POLÍTICA MONETÁRIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX, 2012, p.17)

Ainda sobre a Casa da moeda, Lima (2005), descreve sobre a quantidade de moedas cunhadas na época, conforme citado por Gabriela (2012, p. 17):

*A quantidade de moeda cunhada nessas Casas superou as expectativas. O total cunhado pela Casa da Moeda da Bahia até 1698 foi de 921 mil contos de réis, sendo 102 mil contos em moedas de ouro e o restante, 819 mil contos em moedas de Prata (Lima, 2005 apud SOMBRA, 1940, p.47). No Rio de Janeiro, após sua transferência da Bahia, a Casa da Moeda, cujo período de atividade foi de março de 1699 à outubro de 1700, cunhou 612,6 mil contos de réis em moedas de ouro e 255,7 mil contos de réis em moedas de prata (Lima, 2005 apud GONÇALVES, 1985, p.73). Também em Pernambuco, onde se manteve instalada de outubro de 1700 à outubro de 1702, foram cunhadas 436 mil*

*contos de réis, das quais 98% de prata. (Lima, 2005 apud GONÇALVES, 1985, p.73)*

A partir desse momento a Casas da Moeda que no momento se encontrava novamente no Rio de Janeiro, passou a cunhar moedas nacionais, do mesmo tipo que era amoedado na Casa da Moeda de Lisboa, esse tipo de “moeda provincial” circulou no Brasil até o fim do período colonial. E o Rio de Janeiro vinha se tornando a principal praça mercantil e importador do reino português. Como mencionado no MultiRio (site vinculado à Secretaria Municipal de Educação a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro), o texto educativo “*O Porto do Rio de Janeiro*”, afirma que

*O Porto do Rio de Janeiro tornou-se o principal centro exportador e importador, por onde saíam ouro e diamantes e entravam escravos e produtos manufaturados, entre outros. Além disso, a necessidade de aprimorar e controlar a arrecadação de impostos na região mineira, o aumento do contrabando e a maior proximidade com a bacia do Rio da Prata (...)*

## **2.4 Banco do Brasil**

O trabalho e desenvolvimento de crédito e cambio, que facilitavam atividades comerciais no país já existiam, mas a facilitação a acessibilidade ao crédito e dependências bancárias foram influências da vinda da Família Real para o Brasil.

Fundado em 12 de outubro de 1808, o Banco do Brasil S.A. foi a primeira instituição bancária a operar no país e, foi decretada após D. João VI de Portugal, baixar um Ato Real originando o primeiro Banco do Brasil (BB), que foi mantido e controlado administrativamente pela Corte, e pessoas eleitas pelo rei.

O Banco do Brasil tinha como principais subscritores os mais relevantes comerciantes para a Corte, mas a razão para os mesmos não terem controle inteiro oficial sob as ações e participação administrativa do Banco do Brasil era porque os escolhidos para esses cargos eram admitidos a partir de favores concedidos pela Coroa à Instituição.

Entre os favores existentes se sobressai a isenção de quaisquer tributos e monopólio sobre a mercantilização de engenhos e mercadorias, como diamantes e pau-



brasil, que eram grandes interesses na área de exportação, também a emissão de notas bancárias que estariam circulando no país.

*Dentre os favores que nessa oportunidade foram concedidos ao BB, destacaram-se a exclusividade de emissão de notas bancárias que constituíram o meio circulante do país, a isenção de quaisquer tributos e o monopólio sobre a comercialização de produtos, tais quais diamantes e pau-brasil. (...)*

(CORRÊA, Yttrio, BANCOS OFICIAIS NO BRASIL, ORIGEM ASPECTOS DE SEU DESENVOLVIMENTO, P. 14)

Esta instituição do Banco do Brasil teve seu fim em 1829, como apontado pelo site educativo MultiRio no texto “*Liquidação do Banco do Brasil em 1829 e o Agravamento da Crise*”, — uma crise econômica atingira o país em 1821, quando ainda rei, João VI, retira todo o ouro depositado no momentâneo Banco do Brasil, antes de voltar para o reino — neste momento, D. Pedro I deliberou a emissão de mais papel-moeda, que acabou-se a causar a desvalorização da moeda e encarecimento dos preços. Essa crise causou em outros conflitos financeiros como as falsificações de moedas de cobre, que atingiu grande parte da população e gerou protestos contra os comerciantes. Com isso o originário Banco do Brasil é liquidado em 1829, considerado culpado na participação da péssima crise financeira que o país se encontrava.

Já em 1851 com influência de Irineu Evangelista de Souza, um magnata gaúcho, banqueiro e empresário, reconhecido como Barão e/ou Visconde de Mauá dá início a um novo Banco do Brasil, o atual banco da época, que em 2 anos sucederia em uma fusão do Banco do Brasil com o Banco comercial do Rio de Janeiro (em 1853), promovida pelo governo imperial com o objetivo de uma reforma monetária. A mesma Instituição que ficou no encargo de emitir o papel moeda, também cria o primeiro concurso público para admissão de escriturários em 1854, e em 1863 torna-se o único emissor de moeda no território nacional. Ainda assim a Fundação quase foi a falência em 1864, por conta de uma crise bancária e monetária que abalou a corrida bancária e levou uma grande quantia de estabelecimentos comerciais por conta dos grandes números de falência.

*E em setembro do ano seguinte o banco enfrenta sua primeira crise: a quebra da casa bancária A. J. Alves Souto, maior instituição financeira privada do Brasil. A quebra da Alves Souto é tão séria que chega a afetar o mercado em Londres, mas é superada pelo Banco do Brasil.*

(BANCO DO BRASIL, HISTORIABB2011, p.1)

## **2.5 Caixa Econômica e Monte de Socorro**

O verdadeiro interesse público em crédito e operações financeiras controladas pelo Estado, temos como caso a criação da Caixa Econômica e Monte de Socorro do Rio de Janeiro em 1861. Entidades privadas, com regras exclusivas voltadas para atividades bancárias, como empréstimos e poupança.

Com imposição da Lei n 1.083 – que assentou diferentes finalidades, como bancos de emissão, e meio circulantes – em 1860, as instituições passaram a ter mais ordem nos métodos e atividades que labutavam, com mais influência política e social do que econômica, já que antes era mais restrito sua operação como instituição de crédito. Permitindo assim também a expansão dessas organizações nas províncias e Corte.

A Caixa Econômica e o Monte de Socorro tinham diferentes tipos de finalidade após implantados regulamentos pela lei n. 2.723 em 12 de janeiro de 1861.

*A finalidade da Caixa seria a de “receber a juro de 6%, as pequenas economias das classes menos abastadas, e de assegurar, sob garantia do governo imperial, a fiel restituição do que pertencer a cada contribuinte, quando este o reclamar [...]” (BRASIL, 1861, p. 11). O regulamento também estabeleceu as quantias mínimas e máximas para os depósitos, além das regras de vencimento dos juros e de resgate. O dinheiro depositado deveria ser remetido ao Tesouro Nacional que, por sua vez, poderia emprestá-lo ao Monte de Socorro da Corte ou utilizá-lo na compra de apólices da dívida pública ou nas despesas do governo.*

*Já o Monte de Socorro tinha unicamente a finalidade de “[...] emprestar por módico juro e sob penhor as somas necessárias para socorrer as urgentes necessidades das classes menos favorecidas da fortuna” (Idem. p. 16), não podendo exercer outras atividades bancárias.*

(GLABER, Louise, ARQUIVO NACIONAL MAPA, CAIXAS ECONOMICAS, 2015)

Ambas instituições compartilhavam empregados, que ocupavam os mesmos serviços, menos o perito avaliador, um operário exclusivo do Monte de Socorro. E após o decreto n. 4.714 de 1871 entrar em vigor, outros cargos entraram em funcionamento, como por exemplo: gerente; escriturários e chefe de escrituração.

A expansão das caixas econômicas e Monte de Socorro começou a agir de forma acelerada, já eram presentes agências em diversas províncias, como Espírito Santo, Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, entre outros. Com isso novos decretos precisaram entrar em andamento, como o decreto n. 9.738, que limitava o funcionamento das Caixas Econômicas que não trabalhavam em conjunto dos Monte de Socorro, e assim teriam que ser vinculadas as Tesourarias de fazenda.

*Em 1887, o decreto n. 9.738 ordenou que as caixas econômicas que não funcionassem junto com montes de socorro fossem incorporadas às tesourarias de fazenda. Apenas nas caixas econômicas da Corte e das capitais das províncias de Pernambuco e Bahia vigoravam montes de socorro e, portanto, aquelas mantiveram-se autônomas. As demais passaram a funcionar nas respectivas tesourarias, sendo administradas pelos inspetores desses órgãos, que deveriam assumir as atribuições conferidas aos conselhos fiscais e aos gerentes das caixas econômicas que se conservaram funcionando de forma independente.*

*O decreto também instituiu um novo regulamento, que determinou as atribuições dos funcionários, as normas e procedimentos das caixas econômicas e dos montes de socorro. Dentre as mudanças podemos destacar, por exemplo, que os locais preferenciais para a instalação das caixas filiais nas províncias passaram a ser, além das mesas de rendas e coletorias, as agências dos Correios. Outro aspecto interessante do regulamento foi a relativa ampliação ao acesso de clientes (...)*

*(GLABER, Louise, ARQUIVO NACIONAL MAPA, CAIXAS ECONOMICAS, 2015)*

Este decreto de 1887, que englobava uma grande quantidade de normas e obrigatoriedades dentro do setor bancário vigorou até 1915, quando a nova Lei n. 11.820 implementou um novo regimento.

Levando em consideração os aspectos mencionados sobre o Banco do Brasil, Caixa Econômica e Monte de Socorro, podemos levar em conta como os fatos foram consideráveis para o desenvolvimento do sistema monetário do país e procedimentos bancários tiveram melhor amadurecimento após o advento dessas instituições, promovendo a expansão dessas entidades e imposição de diferentes decretos, que iriam modificar um ao outro, de forma que todas as organizações operassem sobre os clientes e funcionários de forma invariável. Também podemos considerar os contratempos que o Banco do Brasil passou desde o seu primeiro surgimento, enfrentando crises econômicas, como a desvalorização e a falsificação da moeda no Brasil, que por seguida foram absoltos de uma fusão do Banco do Brasil com o Banco comercial do Rio de Janeiro, com influência de Irineu Evangelista. Todos esses episódios também influíram para a melhora da funcionalidade do mesmo, podendo assim interpretar que o Banco do Brasil enfrentou diferentes aspectos num período de dois séculos, posto que o mesmo foi o pioneiro dos bancos no país.

## CRÉDITO

De acordo com a Oxford Languages (editora mundial e oficial de dicionários de português da Google), crédito pode ser definido como: “confiança, crença fundada nas qualidades de uma pessoa ou coisa; segurança de que alguém ou algo é capaz ou veraz”; no sentido comercial: “transação em que um comprador adquire um bem ou serviço para pagá-lo posteriormente, em uma ou mais parcelas”. Logo, no sentido econômico, é o ato de crer em alguém o proporcionando uma quantia monetária que poderá ser paga, depois, aos poucos sucessivamente.

O ato de tomar empréstimos para cobrir despesas inesperadas é comum, como afirma Elvira Cruvinel, Chefe do Departamento de Promoção da Cidadania Financeira do Banco Central (Depef). Não é algo que deve ser temido ou ignorado, todavia, carece de cautela ao manuseio, pois (quando mal aplicado) pode ser traiçoeiro. Deste modo, acima do valor dos juros das parcelas deve ser admirado o CET (Custo Efetivo Total), cujo qual concentra encargos, impostos (como o IOF), taxas, tarifas, dentre outros, que acabam verdadeiramente aumentando o valor dos empréstimos e não os juros ou parcelas em si.

A crenças das prestadores de crédito nos seus solicitadores não ocorre inesperadamente. São após diversas análises ao consumidor e entendimento de seus hábitos que é visto uma melhora nesta relação, possibilitando a aquisição do serviço — dado que não existam obrigações fiscais às instituições financeiras que as forcem a conceder crédito ao consumidor, a obtenção do mesmo depende exclusivamente da boa conexão entre ambas partes. Podendo ser aprimorada ao passar dos anos, esse vínculo entre requisitado e requerido é feito de forma distinta pelas instituições, variando o *modus operandi*, contudo, é comum visualizar 3 pilares que sustentam as consultas de perfis. De acordo com o Serasa Ensina, vertente da Serasa Experian (analisadora de informações e decisões de acesso ao crédito), são eles:

- Informações internas: algumas usam informações internas, o que significa que se você vai a uma loja para comprar um sofá parcelado, a loja vai pesquisar se você já foi cliente no passado, e se pagou em dia por outros produtos que comprou;
- Informações sobre dívidas não pagas: esse tipo de dado está em bancos de dados de proteção ao crédito, como a Serasa, que reúne diversas informações sobre as dívidas dos consumidores no Brasil. Existem estudos que mostram que as pessoas que

apresentam dívidas vencidas e negativadas, têm menos chances de honrar seus compromissos financeiros;

- Score de crédito: score, em inglês, quer dizer pontuação. Todo consumidor pode ter o seu Score, que é uma nota que vai de 0 a 1000, e serve para avisar ao mercado quais são as chances de você pagar uma dívida nos próximos doze meses. Essa nota é calculada com base na sua história de comprador, e pode variar de acordo com alguns fatores: Se você paga suas contas em dia, se está negativado, e até a maneira como você se relaciona com as empresas.

Ademais ao apresentado pela companhia Serasa S/A, o site oficial do BACEN (Banco Central do Brasil) assemelha “crédito” a noção de “empréstimo, pois:

*Empréstimos são operações de crédito em que uma pessoa ou empresa recebe dinheiro assumindo o compromisso de pagar, no futuro, o valor disponibilizado acrescido de juros e encargos. O prazo para efetuar o pagamento, a quantidade de parcelas e os juros são contratados entre as partes, e os recursos não têm destinação específica, isto é, a pessoa ou empresa pode utilizar o dinheiro que tomou emprestado onde e como quiser (...)*

Nota-se que em sua última linha é explicitado a liberdade que o cliente tem para utilizar o montante da maneira que preferir, tornando clara a diferença entre empréstimo e financiamento, uma vez que no segundo deve ser especificado o destino do dinheiro (imóveis, veículos, entre outros), não havendo tanta independência para usufruí-lo. Ainda que “financiamento” seja uma das modalidades do crédito, seu uso é totalmente peculiar e não pode ser encarado como um semelhante do empréstimo — posto que não é!

Embora haja maior liberdade quando falado de empréstimos, ainda é observável uma diferenciação entre suas categorias, havendo distinções de um para outro abrangendo as mais variadas exigências, intitulados de *TIPOS DE CRÉDITOS*. Ademais, ainda há um passado histórico que retrata desde o surgimento, até novidades referente ao segmento financeiro e seu setor crediário, que permite a melhor compreensão do cenário e suas condições.

### 3.1 Origem e impacto

Registros históricos datam o sistema creditício como uma prática milenar, apontando tais práticas desde 3.500 a.C. na antiga civilização Suméria, onde utilizavam empréstimos/créditos para fins agrícolas; em 1800 a.C. na Babilônia, onde o Código de Hamurabi formalizou leis pré-existentes estipulando taxas máximas de juros sob empréstimos; e em 50 a.C. na República Romana, onde escritos de Cícero revelam que um vizinho teria usado crédito para concluir a compra de terras. Estas precisariam de 11,5 milhões de *sestércios* (dinheiro da época, equivalente a 11,5 toneladas de moedas), as quais foram certificadas através de papéis.

Embora já conhecida, a prática do crédito chegou a ser considerada imoral e proibida. Durante a Idade das Trevas, meados dos anos 800, após o colapso do império romano ocidental e sob o governo de Carlos Magno na Europa, a Igreja Católica proibiu a prática de cobrar usuras (juros).

O próprio conceito, embora não oficializado, de financiamento chegava a aparecer na época conhecida como *As Grandes Navegações*, período este que relata as expedições feitas pelo continente europeu em busca de terras, riquezas e novos caminhos à Ásia — por volta de 1500-1600. As viagens eram custeadas com a promessa de trazer fortunas ao financiador.

Um estopim para o mercado crediário ocorreu quando em 1803 um grupo de alfaiates de Londres, Inglaterra, passaram a trocar informações sobre clientes que não pagavam suas dívidas. A expansão da ideia virou a Sociedade de Guardiões para a Proteção de Comerciantes (uma das primeiras agências de créditos do planeta), dando início ao conglomerado *Experian*. Também na terra da rainha — 23 anos mais tarde — há um novo alavanco que abalou tanto o sistema financeiro, quanto social, pois a *Manchester Guardian Society* passa a publicar boletins mensais na praça da cidade anunciando relatórios sobre clientes inadimplentes.

Não sendo deixado de lado, os Estados Unidos da América tiveram grandes acontecimentos que revolucionaram o cenário global. Num intervalo de 55 anos, iniciados em 1864, 3 empresas em 3 distintas cidades realizaram seus meios para modernizar seus negócios e, indiretamente, deixarem pegadas na história. A *E.G Dun and Company* desenvolveu um sistema para monitorar a capacidade creditícia das empresas na cidade de Nova York, sistema esse usado até o séc. XX, a *Retail Credit Company* compilou uma

extensa lista de clientes com crédito (mais tarde essa tornaria a ser a *Equifax*, uma das 3 agências de crédito mais antiga nos EUA), Atlanta, e a *GM* dando início a ideia de financiamento, emprestando dinheiro aos clientes para comprarem carros que seriam pagos depois em parcelas à corporação, Detroit.

Embora já instituído comumente no cotidiano, a venda por crediário só foi ser adota no Brasil em 1926 pela companhia de camisetas A Capital, localizada no centro de São Paulo.

Após a Quebra da Bolsa de NY em 1929 diversas nações e economias foram abaladas drasticamente o que levou a unificação das leis cambiais, decisão feita na Convenção de Genebra, realizada na Suíça no ano seguinte. O Brasil só acatou formalmente tais medidas em 1942.

As décadas de 50 e 60 foram marcadas pelo desenvolvimento tecnológico referente ao crédito, embora também tenham sido acompanhadas de crises financeiras. Em 14/10/1955 é criado o Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC) pela Associação Comercial de São Paulo no Brasil, atual Boa Vista SCPC, esta foi fundada com a iniciativa de trocar e reunir dados sobre pagamentos de clientes — assemelhando-se aos alfaiates ingleses 2 séculos antes. Nos EUA, o Bank of America lança em 1958 o 1º programa de cartões de crédito destinado à classe média e comércios de pequeno & médio porte (que viria se tornar a Visa), na sequência, American Express e Mastercard, oferecendo crédito aos americanos para compras de ampla variedade.

Com a formação de uma instituição capaz de analisar crédito de forma muito mais rápida e eficiente (o SCPC) a aprovação para crédito tornou-se muito mais ágil, caindo de 3 dias para 5 minutos. Desta forma, o comércio em São Paulo acabou dando uma reviravolta no quesito vendas: de 70% a vista e 30% a prazo para 80% a prazo e 20% a vista. Com o sistema financeiro ajustado as novas tendências, chegava a vez das indústrias e das leis fazerem o mesmo. O crescimento exponencial do crédito no Brasil influenciou diretamente o desenvolvimento das indústrias de veículos e outros bens duráveis e a geração de novos regimentos, como a Lei 4.595/1964 que criou o Conselho Monetário Nacional (CMN) e o Banco Central (BACEN). Mais tarde, em 1967, é criada a FEBRABAN, Federação Brasileira de Bancos, que no ano seguinte lançaria a SERASA (que anos depois seria comprada pelo conglomerado inglês *Experian*) com o intuito de: padronizar relatórios, fichas cadastrais e gerar rapidez nas decisões bancárias. Neste



mesmo ano o Banco Bradesco lança o primeiro cartão de crédito de banco, no Brasil, o Elo.

O Milagre Econômico ocorrido nos anos 70, possibilitou a explosão da venda a crédito e a introdução do primeiro cartão de crédito empresarial em território brasileiro, feito pela *Diner's Club*. Em 77 é vista a concretização da informatização das informações do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), que agora abrangia o país todo, fazendo também com que surgisse a RIPC, Rede de Informações e de Proteção ao Crédito.

Apesar de ter passado um período estagnado devido a inflação descontrolada, originária da década de 60, durante o final dos anos 80 (impossibilitando vendas a prazo e análises de crédito desaparecendo, assim como consultas no SCPC), o segmento bancário voltou a crescer em 1990 com a abertura da econômica brasileira e a execução do Plano Real.

Em 2005 é consolidada a Rede Nacional de Informações Comerciais (RENIC), antiga RIPC, reunindo mais de 150 milhões de informações sobre negócios efetuados a crédito. 2010, criada a Boa Vista Serviços para gerir, modernizar e ampliar os serviços de proteção ao crédito, com o objetivo de prover a seus clientes informações sobre inadimplência de pessoa jurídica e física. Já em 2015 nasce a Associação Nacional de Bureaus de Crédito (ANBC), com o objetivo de, segundo seu próprio site oficial:

*“(...) representar o setor, incentivar a educação financeira e auxiliar na criação de um ambiente regulatório e legal propício para que a gestão de crédito estimule a economia brasileira. Os sócios iniciais eram a Serasa Experian e a BoaVista SCPC, aos quais se juntaram a Quod e o SPC Brasil.”*

Em 2018 surge a *Quod*, fintech de crédito controlada pelos cinco maiores bancos do país com o intuito de: *“disponibilizar produtos e soluções de controle de risco, prevenção a fraudes e análise de grandes volumes de dados, tanto para instituições financeiras quanto para as demais empresas que demandem informações sobre risco de crédito”*, como explicita o website da ANBC.

2019, finalizando os maiores e mais recentes eventos na história do crédito, é aprovada e sancionada a lei do Cadastro Positivo, cuja qual visa a democratização do acesso ao crédito.

### **3.2 Tipos de crédito**

Ainda que diferentes, os tipos de créditos assemelham-se em uma coisa, a maneira de obtê-los. Mesmo que havendo singularidades, todos compartilham da mesma lista de

documentos base necessários para serem ganhos, estes são: RG, CPF, comprovante de residência e de renda.

Assim sendo, o BACEN e o SERASA relatam a seguir como as espécies de crédito mais comum no território brasileiro:

### **3.2.1 Empréstimo Pessoal**

A mais popular das linhas de crédito, o empréstimo pessoal opera com taxas de juros que variam de acordo com garantias, corporações e até níveis de burocracias dos mesmos. Oferecidas por bancos, cooperativas de crédito e financeiras, este tipo de crédito é muito aconselhável para fins de quitação de dívidas, compras de alto valor e viagens.

Sendo o mais popular acaba por também ser o maior alvo de golpistas, que criam empresas fraudulentas com o propósito de tirar dinheiro dos desinformados.

### **3.2.2 Empréstimo Pessoal com Garantia**

A “garantia” pressuposta no título seria um bem livre de ônus (imposto), como um veículo ou imóvel. Este bem fica sob o poder da companhia como meio de segurança, caso haja inadimplência pela parte do usuário.

Possuindo a menor taxa de juros dentre as outras modalidades, esta transação operam com menor risco, pois, a instituição financeira sempre terá a opção de liquidar a “garantia”.

### **3.2.3 Empréstimo Pessoal Consignado**

Mais utilizados por funcionários públicos, aposentados e pensionistas, o empréstimo consignado consiste num desconto feito diretamente na folha de pagamento/benefício previdenciário do contribuinte, referente ao valor da parcela. Por ter certeza de que receberá o valor os juros costumam ser menores.

Embora não haja normativo editado pelo BC (Banco Central) ou pelo CMN (Conselho Monetário Nacional) que limite o valor máximo que possa ser comprometido da renda pelo consignado, a Lei nº 13.172/2015 dita que: *“o máximo de amortização de operações de crédito nos proventos dos trabalhadores é de 35%, dos quais 5% exclusivamente para despesas e saques com cartão de crédito, aplicável ao crédito consignado dos servidores públicos federal, dos trabalhadores regidos pela CLT e dos aposentados do INSS.”*

### 3.2.4 Cartão de crédito

O tipo mais aplicado no mundo, o cartão de crédito é utilizado como meio de pagamento permitindo a liquidação das compras num período de até 40 dias, concedendo, ainda, a obtenção de empréstimos de curto prazo para liquidar o saldo da fatura.

Por possuir maior risco de inadimplência os juros são mais elevados e, caso não paga em dia a fatura, a parte não quitada será entendida como “crédito rotativo”, sendo cobrada como juros na fatura seguinte. Além disso, oferece outras linhas de crédito para financiamento do saldo devedor da fatura, como o “parcelamento de fatura” e “compras parceladas com juros”.

O cartão ainda se divide em duas categorias, básico e diferenciado. De acordo com o Banco Central do Brasil, podem ser entendidos como:

*(...) O cartão básico é aquele utilizado somente para pagamentos de bens e serviços em estabelecimentos credenciados. Já o cartão diferenciado é aquele cartão que, além de ter a função clássica de pagamentos de bens e serviços, está associado a programas de benefício e/ou recompensas, ou seja, oferece benefícios, como programas de milhagem, seguro de viagem, desconto na compra de bens e serviços, atendimento personalizado no exterior, etc. Cartões de crédito diferenciados geralmente possuem tarifas de anuidade mais altas.*

### 3.2.5 Cheque especial

O cheque especial inicia quando o cliente não possui mais saldo suficiente em sua conta, porém deve ser contratado previamente. Essa comodidade tem um custo elevado: as taxas de juros média chegam a mais de 300% ao ano.

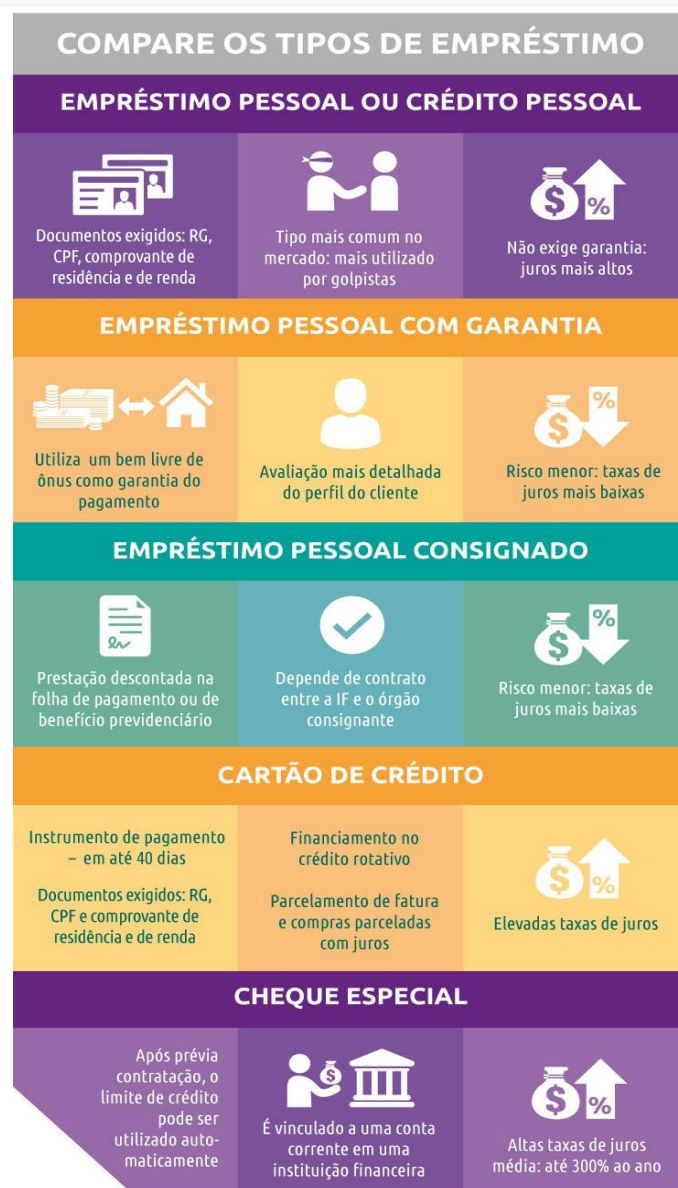
Como é dependente da análise de perfil do usuário, para este tipo de crédito é necessária uma conta corrente em uma instituição financeira e, de acordo com a chefe de Depef, Elvira Cruvinel: “É fundamental que o usuário dessa modalidade de crédito tenha em mente que o dinheiro ofertado pelos bancos não faz parte de sua renda pessoal. O cheque especial só deve ser usado em emergências”.

### 3.2.6 Consórcio

O “consórcio” (sendo o mais atípico), funciona da seguinte maneira: um grupo de clientes se juntam a fim de possuir um bem, normalmente um veículo, e pagam em conjunto ao banco antes de adquiri-lo, para ter o dinheiro para comprá-lo a vista. A maior vantagem deste categoria seria a isenção de juros, segundo a matéria redigida pelo G1,

2020 — “Saiba o que é consórcio e descubra 6 vantagens na compra de uma casa ou carro”.

Figura 1 – Tipos de empréstimos



BANCO CENTRAL DO BRASIL

BACEN; CONHEÇA OS TIPOS DE EMPRÉSTIMOS DISPONÍVEIS PARA CONSUMIDORES DE SERVIÇOS FINANCEIROS.

Na imagem produzida pelo Banco Central não se encontra o segmento “Consórcio”, pois o BACEN encara-o como uma modalidade de crédito coletiva e pouco habitual a freguesia.

### **3.2.7 Financiamento**

Embora seja considerado um tipo de crédito, o financiamento atua dessemelhante das outras propriedades do crédito. Tendo variadas serventias, o financiamento necessita de ser justificado, caso contrário não o terá.

Portanto, este pode ser ramificado em:

#### **3.2.7.1 Financiamento de veículos**

Essa forma serve com o único propósito de adquirir um veículo ao credor, através do CDC ou Leasing. Normalmente procede da seguinte forma: a pessoa física, ou jurídica tem vontade de adquirir um automóvel, então o banco “compra”, por exemplo, o carro com a concessionária ficando na posse dele. Para o cliente tornar a ser dono do veículo, deve ser pago o valor total em parcelas (acrescido de juros, taxas, ademais de acordo com o proposto no contrato).

#### **3.2.7.2 Financiamento estudantil**

A fim de possuir um ensino superior e não havendo recurso monetário para isto, o estudante possui a alternativa de recorrer ao financiamento estudantil.

Neste a instituição financeira arca com os custos da faculdade (como o valor da mensalidade) quitando os gastos a cada semestre enquanto o aluno realiza o curso escolhido. Após o término do estudo, o acadêmico deve pagar integralmente o valor, incluso juros e taxas, antes acertado pelas instituições.

No Brasil, a popularidade do empréstimo estudantil cresceu ainda mais com a criação do FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), embora não seja o único ou favorito que propicia esse serviço.

#### **3.2.7.3 Finame**

O FINAME, OU BNDES Finame, é uma subsidiária do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES —, cuja qual a sigla traduz-se para Agência Especial de Financiamento Industrial. Agindo como promotor à prosperidade das pequenas e médias empresas, esse serviço permite o empreendedor solicitar máquinas e equipamentos credenciados no BNDES.

O site oficial do Banco Nacional voltado a evolução econômica ilustra o método do seguinte modo:

Figura 2 – Organograma FINAME



### 3.2.7.4 Financiamento imobiliário

Podendo ser realizado tanto por programas habitacionais destinados às famílias de baixa renda, quanto pela Caixa Econômica Federal, esta modalidade de financiamento permite ao credor adquirir uma casa, usada ou não, lote ou finalização de construções e reformas — de qualquer modo, voltados ao imóvel.

Capaz de ser feito também com construtoras (além de bancos e financiadoras) o crédito imobiliário no Brasil é uma categoria extremamente comum, conhecida por seus prazos extensos de pagamento.

*(...) em linhas gerais, a estrutura do financiamento imobiliário no Brasil. O crédito imobiliário atualmente conta com três distintas linhas de financiamento. A primeira, constituída pelo Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS) e subsidiada pelo governo, destina-se à população de baixa renda. A segunda linha de financiamento, no âmbito do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), utiliza, primordialmente, recursos da poupança e do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Este está sujeito a regras, tais como limite máximo do valor do imóvel e percentual financiado. Por fim, as regras do Sistema Financeiro Imobiliário (SFI) regem as operações superiores àquelas permitidas pelo SFH. (MORA, Mônica, 2015, p. 25)*

O blog da *DIRECIONAL* (empresa com foco no desenvolvimento imobiliário e referência em empreendimentos do programa *Casa Verde e Amarela*), ainda demonstra maneira de reduzir o valor original do financiamento através do sistema de amortização — cada vez que uma parcela do financiamento é quitada, o valor é diminuído do saldo devido.

Os tipos de amortização são 3: Tabela Price, oferece parcelas fixas, sendo que a amortização é crescente e os juros são decrescentes; Sistema de Amortização Constante (SAC), os juros são calculados sobre o saldo devedor e, portanto, o valor das parcelas é diminuído com o passar do tempo. Assim, a amortização é fixa e há uma redução do valor a ser pago com juros; e o Sistema de Amortização Crescente (SACRE), reúne, na mesma modalidade, o SAC e a Tabela Price. Dessa maneira, as parcelas apresentam valor crescente até um valor determinado e, a partir de então, passam a diminuir. Assim, as amortizações acontecem de acordo com o pagamento das parcelas — o que faz com que os juros reduzam.

### **3.3 Periferia jovem**

O *Estudo Serasa Experian de Consultas do Sistema Financeiro*, realizado em 2012 pela Serasa Experian adjunto a Mosaic Brasil, teve como propósito analisar o perfil dos consumidores crediários, separando-os em grupos sociais de acordo com: renda, geografia, demografia, padrões comportamentais e estilos de vida. O objetivo, reunir dados às empresas e gestoras de políticas públicas que fornecem produtos e serviços a fim destas saberem como melhor adequar-se cada qual grupo.

A pesquisa foi executada cruzando dados da Mosaic Brasil com as consultas efetuadas por 121 CNPJs, pertencentes a instituições financeiras divididas em sete segmentos: banco comercial e múltiplo; bancos e financeiras de montadoras; bancos e financeiras com foco em empréstimos para pessoa física; bancos e financeiras com foco em empréstimos para pessoa jurídica; cartão de crédito; consórcio; financiamento de veículos e leasing. A análise teve como objeto de estudo os primeiros trimestres dos anos de 2008 a 2011.

Após o cruzamento de dados foi observado uma maior taxa de consultas na região sudeste do Brasil, representando 46,8% do resultado total, entretanto, também foi constado um aumento (referente ao ano em que o estudo foi realizado) na região nordeste, indo de 19,3% para 22,4%.

Entre os grupos analisados um se destacou, o chamado “Periferia Jovem”. Sendo a junção dos segmentos: Jovens Trabalhadores de Baixa Renda, Jovens na Informalidade, Trabalhadores de Baixa Qualificação, Excluídos do Sistema, Estudantes da Periferia e Famílias Assistidas da Periferia, a categoria, sozinha, chegava a representar 18,3% do conjunto dos CPFs de consumidores consultados no ano de 2011. No censo de 2010 o

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) constatou que quase 30% da população enquadrava-se em “Jovens”, sendo representada por indivíduos entre 15 e 29 anos.

Com a conclusão de que pelo menos um quinto do comércio crediário brasileiro era representado pelos jovens (FOLHA DE S. PAULO, 2014), foi notado aquilo que as instituições financeiras já haviam percebido — uma nova tendência para explorar-se! Pessoas de até 30 anos agora simbolizavam 33,1% das consultas realizadas pelas instituições financeiras entre 2008 e 11, dando destaque às áreas de:

*(...) Financiamento de Veículos e Leasing (25,9% do total de consultas deste segmento), Cartões de Crédito (25,6% do total de consultas deste segmento) e pelos Bancos e Financeiras com foco em empréstimos para pessoas físicas (21,3% do total de consultas do setor). Ainda, obteve o segundo lugar no segmento de Consórcios (23,6% das consultas deste segmento), perdendo apenas para o grupo social Brasil Rural (31,5% das consultas do segmento).*

*(ESTUDO SERASA EXPERIAN DE CONSULTAS DO SISTEMA FINANCEIRO, 2012)*

Embora um estudo feito em 2018 pelas consultorias *Hype60+* e *Pipe.Social* tenha apontado que 63% dos negócios estavam voltadas as pessoas entre 40 e 50 anos, é visível uma maior demanda do crédito/empréstimo pela juventude, uma vez que estes enfrentem diferentes desafios sociais que necessitem de dinheiro (ou, pelo menos, a ilusão deste).

A carência por aceitação e integração no meio coletivo leva o imaturo emocionalmente (de acordo com a pesquisa realizada pelo canal europeu “Nickelodeon UK”, homens amadurecem com 43 anos, enquanto mulheres iniciam aos 32) à tomada de decisões supérfluas, na maioria das vezes. A constante urgência de “pertencimento ao ambiente” traz juvenildade ao jovem consumidor transformando-o num consumista, agindo dessa maneira, pois, acha que sem possuir bens, não tem valor na sociedade. Assim como afirma Juliana Azuma, superintendente de serviços de marketing da Serasa Experian: “São grandes consumidores de vestuário, cosméticos e valorizam marcas como forma de inclusão social e demonstração de status na sociedade”. A imposição social de que ter/ser são sinônimos gera “impotência coletiva” no indivíduo, algo que pode ser entendido como: ceder ao contexto que vive.



Neste cenário estreito o sujeito vê como única saída o crédito, um meio para obter dinheiro (com o propósito de custear suas vontades) em que a quitação da dívida poderá ser resolvida futuramente. Uma vez apresentado, o sujeito utiliza-o de forma inconsequente, sem avaliar riscos, acreditando ser a melhor opção. Influenciado pela imediatidade, a disponibilidade do crédito ao consumidor surge através da manipulação dos bancos com os sentimentos da clientela, que, embora tenham a possibilidade de economizar até conseguir comprar o produto à vista, escolhem tê-lo de imediato por conta de necessidades relacionadas a estima — como afirma a teoria social da Pirâmide de Maslow. Assim sendo, o comprador se vê diante duma encruzilhada com dois caminhos: no primeiro, ter o item no momento atual e pagá-lo aos poucos; no segundo, amontar uma reserva de dinheiro suficiente para poder comprar a mercadoria de uma só vez, tendo em mente que isto demorará mais tempo. Por impulso o usuário acaba por recorrer ao primeiro trajeto, todavia, o mesmo não avalia os juros que virão acompanhados das parcelas superando o valor original e podendo chegar a ser o dobro.

Tais atos afundam o freguês em juros impagáveis, fato que os bancos são familiarizados e buscam explorar o máximo possível.

A razão do porquê jovens periféricos serem responsáveis por boa parte da demanda por crédito em território nacional e um grande alvo para as financiadoras ocorre por dois fatores, a, anteriormente comentada, busca por mercadorias, bens, roupas, acessórios, entre outros que o façam se enquadrar melhor na sociedade e não permitir sentir-se como um excluído socialmente. O outro, seria a altíssima ignorância/desconhecimento do grupo em relação ao mundo financeiro, refletindo mais um problema estrutural no Brasil: a escolaridade.

Segundo dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) oferecidos pelo IBGE, no ano de 2011 o país possuía 12,9 milhões de analfabetos, onde sua maior parte se encontrava nas regiões norte e nordeste, que também possuem a maior concentração de pobreza no Brasil (IBGE, 2011 e 2020; G1 2011). Além disso, de acordo com Adalberto de Salles Lima (graduado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Ciências Humanas/Campus V), os números não se restringem ao adultos:

*(...) De acordo com o IBGE, no Nordeste, a quantidade de jovens analfabetos ultrapassa os 500 mil. Em termos relativos, a taxa de analfabetismo na Bahia é a maior entre todos os estados brasileiros, com 16,6% da população que não sabe ler nem escrever. Entre os jovens baianos esse índice chega a 3,7%, equivalente a quase 100 mil pessoas. Para o IBGE, Salvador é a quarta capital brasileira no ranking do analfabetismo, com 84.204 pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram à formação básica. Desse total, aproximadamente 5,8 mil jovens afrodescendentes, na faixa etária de 15 a 29 anos, são analfabetos.*

O cliente agora tem perfil e localização: jovem, pobre, preto, iletrado e, em uma cota generosa, nordestino. Pedir para indivíduos que sequer possuem educação básica, com contas, aluguéis e dívidas para pagar que aprendam — desassistidos — o funcionamento do sistema bancário e seus juros é ridículo, senão praticamente impossível. Tais aspectos sociais e econômicos apenas permitiram aos credidores traçar a melhor maneira de atingir esse mercado e assim lucrar com juros exorbitantes que levam uma vida inteira para serem pagos. Além do que, muitos destes solicitadores de empréstimos não possuem um emprego estável ou genuinamente lucrativo para quitar apressadamente suas dívidas, e sua ascensão social é impensável/irreal.

Assim como Salles expressa em seu texto *Juventudes e periferias urbanas* (2012), os jovens enfrentam adversidades para ingressar no mundo do trabalho. Estendendo-se por pouca qualificação profissional, discriminação, localidade, competitividade do mercado e avanço tecnológico imparável, estas particularidades podem ser resumidas a um problema específico: a baixa qualidade de ensino nas escolas públicas. O graduado em geografia ainda aponta:

*(...) Os dados referentes às condições de escolaridade entre os jovens da periferia implicam diretamente as condições de ingresso no mundo de trabalho. Para a juventude oriunda de contextos populares, o trabalho representa o acesso a determinados ambientes, o aumento da autoestima e a garantia dos meios de sobrevivência individual e, muitas vezes, da família. Este constitui uma experiência na vida essencial, ao passo uma vez que o jovem almeja a condição de adulto, pois esta fase da vida está diretamente relacionada a questões como independência financeira, maturidade e liberdade.*

Comportamentos estes que não se restringiram às décadas passadas, mas, continuam perpetuando até os dias de hoje. Assim como é visto em estudos mais recentes da SERASA EXPERIAN, mais de 60% da renda dos jovens é comprometida pelo cartão

de crédito (G1, 2020), ademais as pesquisas mostrando uma continuidade no acúmulo de pessoas de baixa renda e analfabetos no nordeste brasileiro (IBGE, 2020).

Como justificado, o segmento Periferia Jovem não existe por acidente; como consequência de um Estado que exclui parte da sua população deixando-a mercê da sociedade e abrindo espaço para instituições financeiras agirem como assim desejarem com elas, na maioria das vezes, impondo malefícios às comunidades faveladas. Feitos que resultam no aumento de casos de inadimplência, endividamento e insolvência da população brasileira.

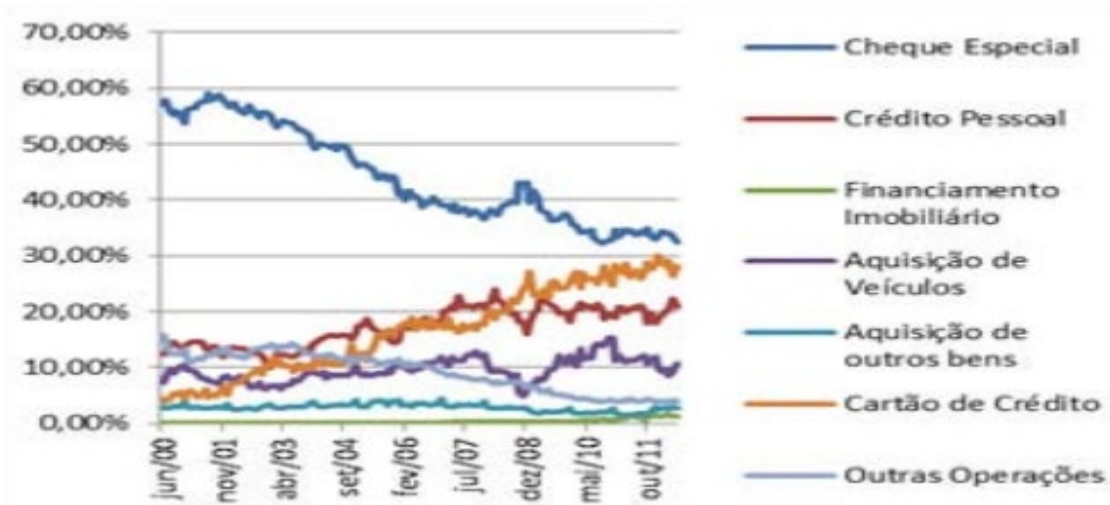
### **3.4 Inadimplência, endividamento e insolvência**

Embora seja notável a expansão do crédito no Brasil nos últimos 10 anos também é observável uma crescente significativa quando falado de endividamento e inadimplência — em especial às menores classes sociais. Em sua Lei nº 8.078 de 11/09/1990, o CDC (Código de Defesa do Consumidor) atesta que há vulnerabilidade do consumidor quando feito uma leitura econômica, sendo que esta é causada pela má, apesar de existente, distribuição de informação sobre a funcionalidade dos serviços, tal qual o cartão de crédito.

Ademais, a inadimplência (falta de cumprimento duma obrigação legal) auxilia no aumento do endividamento das classes inferiores. Visto que, acabam num ciclo vicioso de necessitar do crédito para abater suas dívidas, mas acabarem ficando com o déficit crediário, tornando praticamente impossível contemplar uma fuga concisa de seus dividendos.

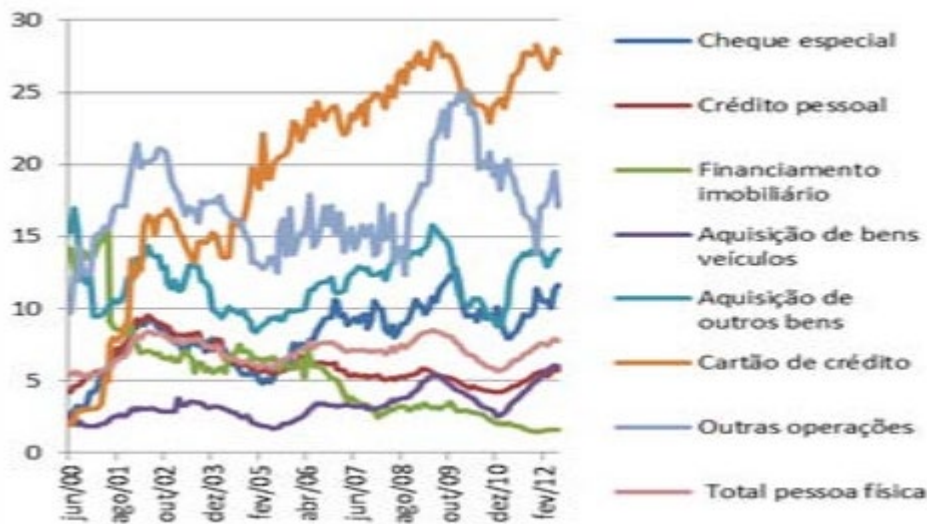
Detalhando o tipo de dívida que o cidadão brasileiro tem e comparando-a do cidadão gringo de países mais desenvolvidos nota-se uma grande distinção do aproveitamento do crédito e a capacidade de seu uso. Em países ricos o crédito à pessoa física é majoritariamente utilizado para fins imobiliários, contribuindo ao crescimento sociodemográfico (Ahearne & Wolff, 2012), enquanto no Brasil 60,54% deste mesma categoria de crédito é adquirida em cartões e cheque especial, cujo qual é a maior modalidade desde o começo da série assim como ilustra o gráfico 3 (BACEN, 2012).

Gráfico 1 – Composição de crédito Pessoa Física



Neste diagrama há 3 dados que devem receber maior destaque: a queda gigantesca do uso do Cheque Especial; o aumento na utilização do Cartão de Crédito, demonstrando uma maior aceitação ao passar dos anos pela parte do povo; e a estagnação do Financiamento Imobiliário, que escalou apenas 1,23 pontos percentuais ao longo de 12 anos.

Gráfico 2 – Pagamentos em atraso (%) há mais de 90 dias



Este gráfico narra o percentual de pagamentos em atraso há mais de 90 dias, segundo o Banco Central. Ainda com base no esquema, é espantoso a forma em que o cartão de crédito se destaca entre os demais tanto na questão de concessão de crédito à pessoa física, quanto no maior percentual com pagamentos em atrasos.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, PEIC, (CNC, 2012), em Junho de 2012 74,8% dos consumidores afirmaram

ter uma dívida com o cartão de crédito ligeiramente maior do que no mesmo período do ano anterior. Esta pesquisa apontou que:

- O grupo com maior percentual de contas em atraso é o de renda inferior a 10 salários mínimos, 24,5%;
- O número de famílias endividadas foi de 58,2%;
- O total de famílias que declararam não ter condições de pagar suas dívidas no futuro foi 8,1%;
- O tempo médio de atraso foi de 59,8 dias;
- Parcela da renda comprometida foi 28,7%, em média;
- O tempo de comprometimento com dívidas foi de 6,3 meses no grupo de menor renda, contra 6,9 meses no grupo de maior renda, acima de dez salários mínimos.

Embora faça uma década que os dados anteriormente expostos tenham refletido o cenário atual, o relatório de Camilla Dolle e Francisco Lobo, respectivamente a *Head* e o analista de renda fixa da Expert XP, entregue no 3º trimestre de 2021 incorpora a lacuna dos últimos 10 anos. Apesar de expansivo o sistema financeiro nacional é representado primordialmente pelos cinco maiores bancos (Itaú Unibanco, Bradesco, Banco do Brasil, Santander Brasil e BTG Pactual), onde mais de 70% do crédito concedido em território brasileiro é gerido por ele, logo, as informações expressas aqui apoiam-se nos dados liberados por esses.

Gráfico 3 – Créditos em atraso de 15 a 90 dias sobre total (%). Fonte: Bacen

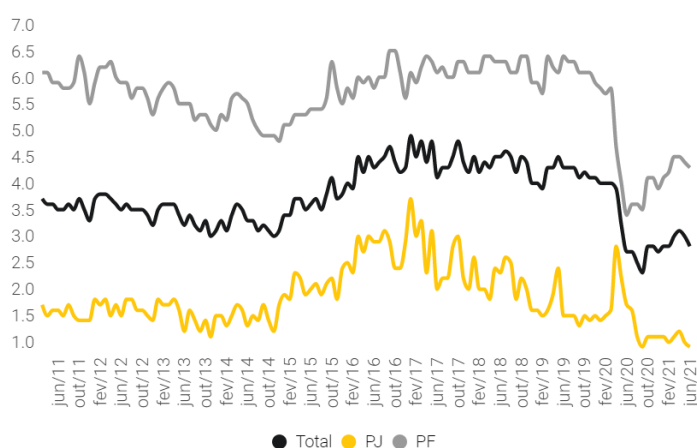
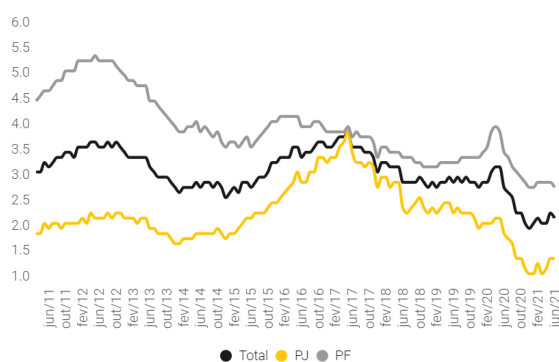
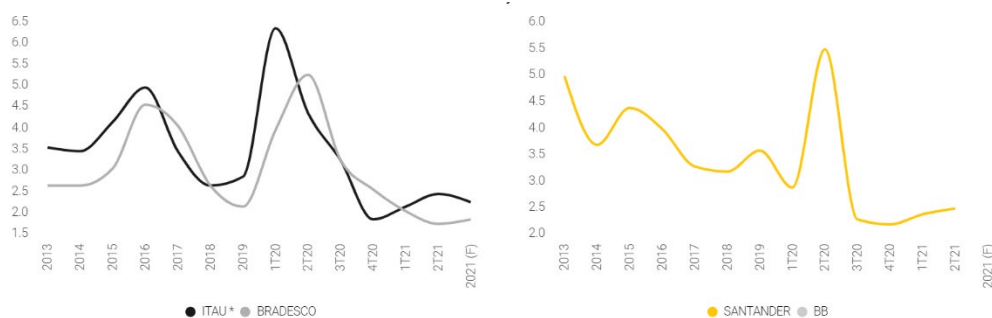


Gráfico 4 – Inadimplência - Créditos em atraso acima de 90 dias sobre total (%). Fonte: Bacen



À primeira vista pode ser visto como positivo o fato dos números de inadimplência e atrasos terem caído drasticamente no decorrer do ano passado justamente em meio a uma pandemia, o que não é uma inverdade, porém passa longe de retratar a situação econômica da nação. Apesar de serem valores minimamente históricos, estes foram influenciados por medidas tomadas pelo Governo e Banco Central a fim de amenizar e controlar o ambiente macroeconômico caótico que o Brasil estava. Auxílio emergencial, perdão de dívidas, além da menor oferta de crédito tanto para pessoa física quanto jurídica foram alguns dos meios para contornar a epidemia de devedores.

Gráfico 5 – Despesa de PDD/ carteira de crédito ampliada (crédito, fianças e títulos). Fonte: Balanço dos Bancos

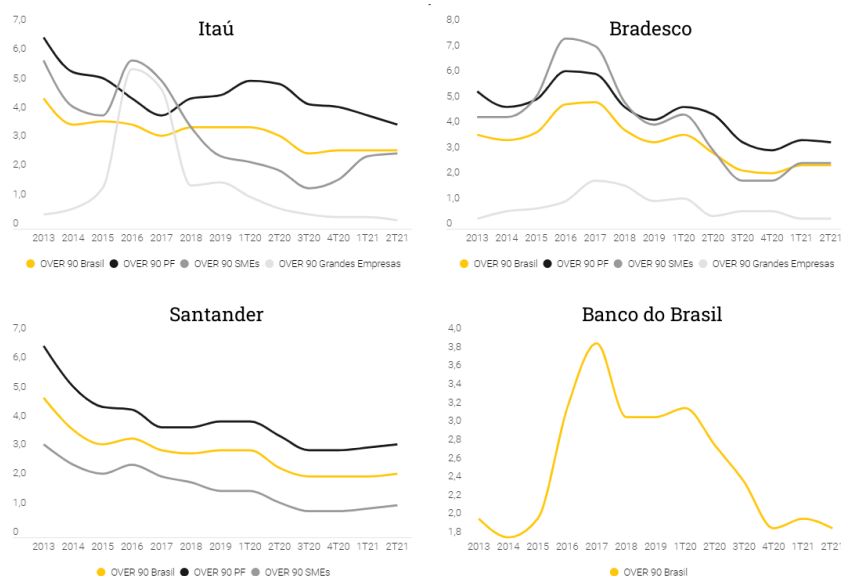


Como resposta as eminentes ondas de atrasos e inadimplência, Santander, Itaú e Bradesco tiveram que ampliar sua PDD (Provisão para Devedores Duvidosos) para lidar/suprir com o esperado déficit que viria. Também visível no gráfico, tal ação assemelhou-se ao ano de 2015 (mas em menor escala), período este que o Brasil vivia uma crise econômica iniciada em 2014 que resultou numa queda de mais de 3 pontos percentuais do PIB (Produto Interno Bruto).

Ademais, não somente o consumidor final adentrou ao agregado dos endividados, as PMEs (pequenas e médias empresas) expressaram, em menor escala, boa parte da soma

no final, havendo um repentino aumento em no 1º trimestre de 2021, mas logo estabilizando-se nos meses seguintes.

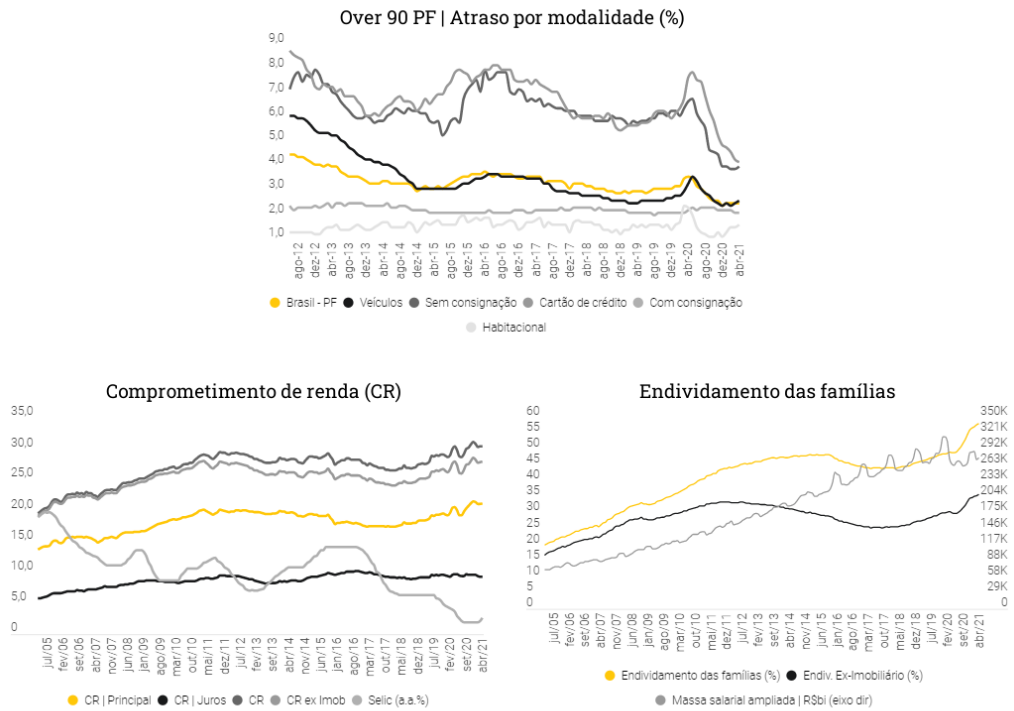
Gráfico 6 – Inadimplência (acima de 90 dias) dos bancos. Fonte: Balanço dos Bancos



Apesar de regulamentações terem sido criadas para normalizar e limitar as repercussões da pandemia, é visto que seu resultado não foi tão glorioso, pois o incremento nas taxas de comprometimento de renda e endividamento das famílias que já vinham com um histórico constante de aumento cresceram consideravelmente mais. O porquê disto fica referente a queda da renda como um todo, uma vez que o poder de compra diminui o cliente recorre a terceiros para reiterá-lo (o crédito), fazendo assim com que boa parte de sua receita tenha que ser destinada a quitação de dívidas. Em outras palavras, ao deparar-se com uma diminuição na capacidade de aquisição o comprador busca o sistema creditício, fazendo com que sua capacidade seja ainda mais comprometida ou/e que agora seja um devedor.

Gráfico 7 – Crédito PF – Over 90 PF | Atraso por modalidade (%); Comprometimento de renda (CR); Endividamento das famílias. Fonte: Bacen

Gráficos 14, 15, 16 e 17. Crédito PF. Fonte: Bacen.



Relevante ressaltar a destoante diferença entre o atraso do cartão de crédito e o de veículos/imobiliário, destacando não só o seu genérico uso pela população e a preocupante sequela que este deixa no bolso do consumidor e do BACEN, mas também na falta de desenvolvimento socioeconômico.



## INSTITUIÇÕES DIGITAIS

Mediante a constante inovação tecnológica, o modelo tradicional de bancos e financeiras está se tornando obsoleto. Com isso, os Startups vêm inovando o mercado de finanças, novos bancos digitais e novas formas de créditos, sendo complementado pela criação das Fintechs, que está conseguindo espaço no mercado e reformulando um novo jeito de atuar (CORDEIRO, 2017).

Segundo Cordeiro, Oliveira e Duarte (2017), a tecnologia digital vem modificando os modos que os serviços financeiros são fornecidos aos consumidores. De modo que esta mudança terá cada vez mais impacto na economia com a chegada ao mercado financeiro da “internet”, ou seja, a geração Millennials e da Startups inovadoras e elevada tecnologia, o que poderá criar mudanças nos modelos de negócios atuais.

As inovações são responsáveis por impulsionar o desenvolvimento, que, por sua vez, não é apenas o crescimento das atividades econômicas, mas, sim de um processo de transformação da estrutura produtiva (TIGRE, 2006).

É possível que através da inovação, informação e conhecimento, o surgimento de novos produtos e serviços, assim como novos modelos de negócio, sendo assim, as inovações podem alterar a estrutura de mercado vigente e a forma de atuação das empresas em determinado setor (SANTOS; FREOTAS; SOUZA, 2018).

Nas últimas décadas, com o avanço da tecnologia e como resultado do alcance global das telecomunicações, tornou-se possível oferecer maior variedade de produtos e serviços para um público maior, possibilitando assim, o surgimento de instituições financeiras diferenciadas, oferecendo a seus clientes serviços em mais localidades (CASAGRANDE, 2017).

Nesse contexto, segundo Pacual e Ribeiro (2018), a entrada e o desenvolvimento de novas tecnologias vieram para alterar o relacionamento entre o Mercado e o cliente, visto que, o mercado financeiro e a prestação de serviço bancário, estão passando um momento de grandes transformações.

As redes sociais, mobilidade e conectividade, tem sido os grandes motivadores dessa transformação, desenvolvendo uma nova gama de prestadores de serviços, aliando baixo custo, facilidade para os clientes, retornos relativamente altos e muito mais eficientes do que os de bancos tradicionais, transformando assim, todo o segmento bancário (JESUS, 2017).

Para Barbosa (2018), o segmento bancário, encontra-se entre as empresas que mais utilizam os meios eletrônicos para mediar seus negócios, viabilizando a seu cliente maior eficiência e comodidade, para isso, houve grandes investimentos, para transformar seus sistemas em instrumentos capazes de efetuar transações rápidas e seguras.

Segundo Abrão (2009, p. 56), o acesso aos meios tecnológicos equivale à inovação e completa revolução no sistema operacional bancário, na medida em que os serviços priorizam duplo caminho da eficiência e menor custo, sem prejudicar consultas, saques, pagamentos, descontos, tudo on-line, numa clara demonstração de que a internet tem seu espaço progressivo, tanto na função de garantir ao cliente melhor trabalho a distância como no processo eletrônico.

Na evolução tecnológica surge os chamados bancos digitais, oferecendo mais serviços do que as plataformas de internet bankings, canais virtuais, ou aplicativos para celulares, esses bancos trazem tecnologias para que todo o seu processo seja totalmente digital (JESUS, 2017).

Conforme o autor supracitado, esse modelo operacional permite a interação em tempo real com os usuários dos serviços, e para a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), os bancos digitais são caracterizados pelo cumprimento de uma série de requisitos, entre eles: processos não presenciais, captura digital de documentos, informações e assinatura, todas as transações em canais eletrônicos, resolutividade de problemas sem a necessidade de ida as agências físicas.

No processo evolutivo, o setor bancário e financeiros, possui níveis de concentração elevados e ao longo de sua evolução impôs grandes barreiras à entrada de novas empresa. A tecnologia e as inovações alteraram este cenário, possibilitando que novas empresas surjam como soluções que abrem espaço neste concentrado mercado (FERREIRA et al., 2017).

Com um forte impacto na sociedade o mercado financeiro, traz inovações que comumente estão associadas a resultados benéficos ao mercado, mas, as inovações financeiras tornaram-se controversas devido às consequências da crise global de 2008 (KIMURA; SOBREIRO, 2018).

Segundo Dietz et al., (2016), mesmo o setor financeiro está envolto em novos produtos e técnicas, a fim de facilitar suas transações, é o setor bancário um dos setores mais resistentes às rupturas causadas por avanços tecnológicos e sociais, sendo as inovações ocorridas nesse setor, as que ocorrem de forma mais paliativa.

Mas segundo, Kimura e Sobreiro (2018), este segmento passa por uma remodelação, com a introdução de novos modelos de produtos, consequentemente melhorando a qualidade dos serviços, reduzindo custos, e estabelecendo um ambiente de crédito mais diversos e estável.

A evolução da tecnologia de finanças tem sua história remota, desde a criação dos cartões de crédito em meados da década de 1950, nos anos seguintes a disponibilidade de caixas eletrônicos, o início das negociações eletrônicas, o surgimento dos computadores com sistemas de armazenamento de dados, os avanços da internet de modelos de negócios baseados no e-commerce (DESAI, 2015).

E em meio a evolução tecnológica, que é vivenciada, os bancos tradicionais se encontram em meio ao surgimento e consolidação de um novo segmento, diretamente relacionado a tecnologia, onde destacam-se as Fintechs.

Atualmente, os bancos tradicionais enfrentam um novo tipo de concorrência, que são as Startups, que neste segmento são denominadas de Fintechs, que é a união de uma empresa financeira com tecnologia, trazendo para este mercado novos modelos de negócios, totalmente online. Nos últimos anos é notável o crescimento no número de startups Fintechs no país, credoras de cartões de crédito são as mais conhecidas (FRIÓSI et al., 2017).

Segundo Bignardi e Piacente (2018), competindo com as instituições financeiras tradicionais as Fintechs, impõem novos ambientes, novas formas de realizar transações bancárias, abrangendo várias vertentes financeiras, desde pagamentos de varejo e atacado, infraestrutura do mercado financeiro, gestão de investimentos, seguro, mercado de crédito e levantamento de recursos via equity .

Derivado da expressão em inglês Financial Technology (Tecnologia Financeira, em tradução livre), está ligado a empresas financeiras que utilizam da tecnologia da informação para prover serviços e soluções financeiras inovadores (ARAUJO, 2018).

Em termos de conceituação Menat (2016, p. 34), afirma que “a “Financial Technology” (Fintech) significa uma nova onda de empresas que estão mudando a forma como as pessoas pagam, transferem, emprestam e investem recursos financeiros”. Já para Alecrim (2016), cada empresa dessa modalidade vai possuir um modelo próprio de negócio, vão trabalhar no desenvolvimento de soluções que cobrem deficiências ou limitações de serviços financeiros tradicionais.

Fintech são, em geral, startups que criam inovações na área de serviços financeiros incorporando tecnologias que tornam o mercado de finanças e seus sistemas mais

eficientes. Essas empresas de tecnologia em finanças, na maioria das vezes, são criadas com o propósito de romper com os paradigmas do sistema financeiro tradicional que conta pouco ou de maneira ineficiente com os recursos tecnológicos disponíveis. (CONEXÃO FINTECH, 2017, s/p).

Para serem consideradas como Fintechs, a Associação Brasileira de Fintechs (ABFintech), define que a empresa necessita ter características específicas, como base tecnológica intensiva, modelo de negócio altamente escalável e oferecer produtos na área financeira (JESUS, 2017).

Segundo Finnovatiom (2017), as Fintechs, tem o objetivo de diminuir o tempo de espera em filas, trazendo uma evasão dos processos burocráticos bancários, pois visam, recriar a oferta de produtos e serviços financeiros de forma mais fácil e simples através de aplicativos mobile.

Corroborando com o pensamento do autor supracitado, Pacual e Ribeiro (2018), trazem que as fintechs possuem estruturas enxutas, com menor pressão de reguladores e do Compliance das grandes empresas, e com isso é possível ofertar a seus clientes transparência nos serviços de disponibiliza.

Nery (2017) destaca que o maior impacto produzidos pelas fintechs no segmento bancário é cultural, visto que elas não apresentam ameaças diretas as receitas, mas sim lucros. Elas complementam os bancos em determinados nichos.

O autor supracitado ainda afirma que as fintechs estão auxiliando os bancos pequenos e médios a se reinventarem e ganharem sobrevivência no mercado. Já que essa aproximação é facilitada nesses tipos de banco, ao contrário dos bancos de grande porte. Os bancos de menor porte aproveitam mais sinergia com as fintechs com o objetivo de aumentar a competitividade e posicionar-se em um mercado que se torna cada vez mais competitivo ao longo do tempo.

Em contrapartida, a Febraban (2016), afirma que as fintechs esbarram em limitações decorrentes das empresas de iniciantes e de pequeno porte. Primeiro é a dificuldade de captação de dinheiro, principal insumo no sistema financeiro. No Brasil, estas empresas não estão habilitadas a realizar empréstimos se não estiverem associadas a uma instituição financeira. Em função disso, a associação com bancos é necessária.

Segundo Vasiljeva e Lukanova (2016), as fintechs podem ser classificadas em três modalidades, variando de acordo com sua finalidade, sendo elas: orientadas para serviços, orientadas para dados e orientadas para processo. A primeira modalidade desenvolve tecnologias para serviços como empréstimos e câmbio, seguido da que foca sua atuação

na coleta, armazenamento, análise e outras atividades relacionadas a dados, e a terceira modalidade foca sua atuação no aumento da eficiência e automação de processos.

Estes modelos de negócio podem oferecer serviços financeiros mais flexíveis, seguros e eficientes do que aqueles prestados por instituições financeiras tradicionais. Desafiando instituições que devem estabelecer uma estratégia de competição, aquisição ou de cooperação com esses novos negócios (SILVA et al., 2018).

Para Casagrande (2017), a presença dessas empresas, estimula o mercado, a aprimorar as instituições financeiras tradicionais, impondo novos desafios, tais como, serviços similares com custo inferior, agregando facilidade e conveniência.

As estruturas de mercado são modelos que captam aspectos de como o mercado está organizado, cada estrutura de mercado possuem pontos essenciais da relação oferta e demanda, se baseando em características do mercado, tais como, tamanho das empresas, a diferenciação dos produtos, a transparência dos mercados, os objetivos dos empresários, etc (PINHO; VASCONCELOS, 2003).

A estrutura do mercado segundo Vasconcelos e Garcia (2003), dependem e três características essenciais, o número de empresas que compõem o mercado; o tipo do produto (produtos homogêneos ou diferenciados); existência ou não de barreiras à entrada de novas empresas no mercado.

Segundo Bain (1968 apud JESUS, 2017, p. 48) Uma estrutura de mercado possui as seguintes características: o grau de concentração definido pela quantidade e distribuição de tamanho das empresas do mercado; o grau de concentração relativa aos demandantes; o grau de diferenciação do produto e as condições de entrada no mercado.

O ponto de referência de criação do sistema financeiro nacional, foi a criação do Banco do Brasil em 1808, e desde então houve constantes e consistentes evoluções no setor bancário brasileiro, os períodos pós plano real, representou o período de suma importância na estruturação do setor (CASAGRANDE, 2017).

A atual conjuntura aponta para um ambiente organizacional extremamente competitivo, em que as empresas necessitam de estratégias agressivas para destacar-se de seus concorrentes e atender às necessidades e desejos de consumidores, cada vez mais exigentes e conectados.

A presença cada vez mais forte da tecnologia na rotina das pessoas condiciona as empresas a terem que oferecer produtos e serviços que reflitam essa nova realidade. Para maior sobrevivência e competitividade no mercado pode se adotar o exercício de construir cenários para diferentes setores de atuação de uma empresa, por meio da análise contínua

das interações entre as empresas e o seu ambiente torna-se possível estabelecer objetivos adequados e melhor aproveitar seus recursos (FALLER; ALMEIDA, 2014).

Ao prever mudanças, a empresa se antecipa e com isso, utiliza dois maiores feitos da administração e vê a possibilidade dessas duas ações estratégicas. Para Van der Heijden (2009) tem que se levar em consideração o contexto e ambiente onde uma empresa está inserida, visto que, o exercício de planejar por cenários, auxilia ao gestor na identificação de estratégias, força e poder de decisão diante do cenário proposto.

Guedes e Matos (2018), afirmam que a análise de cenários passou a ser utilizado como uma ferramenta de gestão, mesmo com sua origem na teoria militas, pois, permite que se estabeleça estratégias considerando-se um contexto futuro, identificando neste caso, fatores que podem impulsionar o negócio.

Sendo peça importante na fundamentação de estratégias de uma empresa, a análise de cenários, é de fundamental importância no planejamento estratégico, tendo como principal função analisar contextos internos e externos, identificar fatores futuros que possam ocorrer, e com isso, possibilita uma visão mais clara do cenário atual e permitindo a tomada de decisão mais fundamentada e precisa (BRAZ, 2018).

Antes de acontecer o lançamento do internet banking, na segunda metade da década de 1990, as agências, os caixas eletrônicos e o telefonema eram os principais canais de relacionamento entre bancos e clientes. Os clientes utilizavam as agências para fazer pagamentos de contas, depósitos, transferências, saques, financiamentos, resoluções de problemas e orientações financeiras. Aos poucos, aconteceu a intensificação da utilização dos caixas eletrônicos (ATMs) para realizar consultas, saques e emissões de extratos. Com a evolução da tecnologia, o surgimento do internet banking e mobile banking foram a oportunidade do banco aumentar a eficiência e assim o cliente ficar mais satisfeito por ter serviços na “palma da mão”. Desde então, os bancos investiram bastante em tecnologia para assim garantir que os clientes tenham segurança em suas informações e realizem suas transações sem precisar ir até uma agência. (METZNER; MATIAS, 2015).

Atualmente, o cliente escolhe onde quer realizar suas transações, seja através dos caixas eletrônicos, agência, internet banking ou mobile banking, todos os canais são interligados em tempo real. Apesar do surgimento dos novos canais (mobile banking, internet banking), os canais antigos continuam recebendo investimento e com isso funcionam fluidamente e estão cada vez mais multifuncionais. (FEBRABAN, 2012).

Os bancos inovaram ao lançar os caixas automáticos, que forneciam aos clientes atendimento mais rápidos, pois através do caixa eletrônico é possível fazer saques, consultar saldos, efetuar transferências, entre outros serviços. Tudo isso de forma segura, através do uso da senha.

Para lançar as ATMs, realizamos pesquisas qualitativas e quantitativas de grande profundidade e fomos nos envolvendo para saber como o cliente reagia diante da máquina. O cliente brasileiro não tinha chegado perto de um computador ainda, tinha medo. Tivemos de criar uma metodologia para que as pessoas, nos grupos de pesquisa, pudessem utilizar a máquina. Na época, quando se apertava um botão, a máquina falava. E as pessoas tinham medo daquilo. Então, tínhamos de preparar o cliente. Foi um trabalho árduo. Também surgiram questões de segurança, desde patrimonial – para evitar qualquer tipo de vandalismo (como pichações) ou roubo – até segurança da rede. Foi tudo muito bem preparado, e o resultado foi um sucesso. (FONSECA; MEIRELLES; DINIZ, 2010, p. 182-183).

O sistema brasileiro de integração bancária possui a quinta maior rede mundial em número de caixas eletrônicos (ATMs), de acordo com dados da Tecban. Um parque tecnológico robusto, que certamente serviu de base para a guinada digital que os bancos realizam atualmente. (FEBRABAN, 2017, p. 15).

O terminal de autoatendimento bancário, conhecido como caixa eletrônico, caixa automático ou ainda terminal bancário, é um dispositivo eletrônico que proporciona aos clientes dos bancos que utilizem diversos serviços, como por exemplo, saques de determinada quantidade de dinheiro, verificação de saldos, limite de cheque especial, entre outros, tudo isso sem a necessidade de um funcionário do banco. Ou seja, o cliente é atendido por este equipamento tecnológico sem precisar de um funcionário, é isso que caracteriza um autoatendimento.

Os terminais de autoatendimento dos bancos, inicialmente, foram lançados com o propósito de automatizar duas funções: a de sacar dinheiro e a de depositar, esses serviços eram focados nos clientes com saldos baixos, já que os clientes com saldos elevados faziam seus negócios com os caixas bancários. Porém os clientes se sentiram mais atraídos pelos terminais de autoatendimento devido a seu funcionamento de 24 horas por dia. Os bancos perceberam que automatizar o atendimento iria trazer uma redução nos custos. E isso levou os caixas eletrônicos a se proliferarem e sua utilização aumentar cada vez mais com o passar do tempo, tanto os clientes que possuíam menos dinheiro, como

os que possuíam mais, utilizavam esse equipamento eletrônico. (RAYPORT; SVIOKLA, 1994).

A internet é um meio de comunicação que vem mudando as formas de se fazer negócios. A relação entre empresas e clientes vem mudando bastante com o uso da internet. A gestão da empresa, o processo de produção, a cooperação com outras empresas, o valor de ações de mercado, tudo isso sofreu grandes alterações com o uso da internet, pode-se dizer que o processo se modernizou ao ponto de ter todas as informações sobre a empresa em seu computador.

Os bancos aproveitaram bem a oportunidade de usar a internet como meio de expandir seu atendimento e facilitar à vida do cliente. Em 1995, ocorrem as primeiras ofertas online de serviços bancários como: consultas, transferências, pagamentos etc. (SEYBOLD; MARSHAK, 2000; CHOU; CHOU, 2000).

O Internet banking, isto é, a utilização da Internet para oferta de serviços bancários, é a principal inovação tecnológica incorporada aos serviços bancários na última década. Associado à demanda dos clientes por maior conveniência e ao interesse dos bancos por economia, precisão e automação, o Internet banking, que no início era considerado apenas mais um canal para a distribuição de serviços bancários, “passou a estar no centro das discussões sobre a evolução e o futuro dos bancos”. (DINIZ, 2004, p. 8).

Os serviços bancários são separados em três categorias e diferenciados pelo nível de interatividade, que por sua vez são classificadas em nível básico, intermediário e avançado.

- Divulgação - A internet serve como um vínculo para a divulgação de informação seja de um negócio ou de uma publicidade.
- Transação – A internet serve como um canal para fazer transações bancárias, como em agências e caixas-eletrônicos.
- Relacionamento – A internet serve como uma ferramenta para melhorar cada vez mais o relacionamento com os clientes.

O mobile banking é um canal que tem acesso digital utilizando dispositivos celulares e tablets, onde o cliente com acesso à internet pode se conectar de qualquer lugar e a qualquer hora para realizar suas operações bancárias, como consultar saldos e extratos, fazer documento de ordem de crédito (DOC), transferência eletrônica disponível (TED), realizar pagamentos, recarregar celular, entre outros.



De acordo com a pesquisa da tecnologia bancária realizada pela Federação Brasileira de Bancos - FEBRABAN (2015), a tecnologia da informação está muito presente no cotidiano das pessoas. A mobilidade é responsável por mudar o comportamento dos clientes na maneira que eles se relacionam com os bancos. As operações bancárias efetuadas pelos aplicativos como o mobile banking, que são instalados em smartphones e tablets, cresce em ritmo acelerado.

## PLANO REAL

Diante das denúncias de corrupção ocorridas no governo do então presidente Fernando Collor e com o alto índice de crise inflacionária e financeira, o governo de Itamar Franco, sucessor de Collor, deu início a um plano econômico que objetivava controlar a inflação demasiada que assolava o país durante um período de cerca de 30 anos.

No final de 1993, começou a ser implementado o plano mais engenhoso de combate à inflação já aplicado no Brasil. Após uma série de tentativas de planos heterodoxos na Nova República, o Plano Real reduziu a inflação e a manteve sob controle durante um longo período de tempo, apenas de diversas crises internacionais, crise cambial e mudança do regime de política econômica a partir de então (GREMAUD; VASCONCELLOS; TONETO JR, 2015, p. 12).

De forma igual ao Plano Cruzado, o Plano Real surgiu do diagnóstico que a economia do país era inerte e, para o sucesso do referido plano, era essencial que fosse tendencioso e garantido que, após romper tais tendências, não abalasse a economia ou que houvesse um mecanismo para atenuar o efeito de possível choque.

De acordo com Gremaud, Vasconcellos e Toneto Jr (2015), o Plano Real representou um dos planos mais audaciosos de combate à inflação do país, conseguindo, após diversas tentativas, diminuir a inflação. O Plano Real também partiu do diagnóstico de que a inflação do Brasil contava com um forte caráter inercial.

No ano de 1993, Itamar Franco convidou o então Ministro das Relações Exteriores, Fernando Henrique Cardoso, assumir a pasta da Fazenda. Destaca-se que Itamar já havia realizado três mudanças no comando do Ministério da Fazenda em um período de sete meses, considerando que o referido cargo representa a maior visibilidade do governo, por conta na inflação.

Ao assumir o Ministério da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso iniciou os preparativos para estabilizar a economia através do novo plano econômico e buscava não repetir os erros dos planos passados. Para isso, o então Ministro buscou adotar alguns pontos fundamentais e relevantes para o sucesso do Plano Real, como, de acordo com Gremaud, Vasconcellos e Toneto Jr (2015):

- Adotar o Plano Real de forma gradativa, conforme o cronograma estabelecido;

- Modificação natural da moeda sem que ocorresse algum tipo de congelamento dos preços dos produtos;
- Redução dos desequilíbrios presentes na economia do país.

Ainda de acordo com os autores supracitados, era fundamental que a inflação fosse atacada e controlada para que ocorresse uma maior efetividade. Para tal, as medidas necessárias se dividiram em três fases, sendo:

- Ajustes fiscais por meio da criação do Programa de Ação Imediata;
- Indexação total da economia por meio da criação da Unidade Real de Valor;
- Transformação da Unidade Real de Valor em Real.

Posteriormente à execução do Plano Real, os resultados foram sentidos de forma instantânea, segundo Gremaud, Vasconcellos e Toneto Jr (2015). Os autores destacam que ao conquistar o sucesso em sua finalidade primária, ou seja, conter a inflação, não bastavam visto que para uma reforma eficiente era necessário reformas em diversos cenários, especialmente no legislativo e nas normas jurídicas sobre a previdência social, setor de tributação e reformas trabalhistas. Em se tratando de questões politicamente não populares, acabaram se encontrando sem segundo plano, sendo um dos motivos pelo qual não foi obtido o êxito completamente.

## **IMPLEMENTAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NO MERCADO FINANCEIRO**

No que se refere às novas tecnologias implementadas no mercado financeiro, podem ser destacadas as fintechs, o internet banking, as novas formas de pagamento e os impactos sociais.

As Fintechs representam startups que elaborações novas ideias para o mercado de serviços financeiros, inserindo novas tecnologias que buscam tornar-se o mercado financeiro e seus sistemas mais eficazes. Destaca-se que estas startups de tecnologia financeira, em grande parte, são elaboradas objetivando o rompimento dos paradigmas do considerado tradicional modelo financeiro, que, ainda, apresenta baixa de forma não eficiente os recursos tecnológicos disponíveis atualmente (CONEXÃO FINTECH, 2017).

De acordo com Jesus (2017), a Associação Brasileira de Fintechs – ABFintech, destacam que para serem caracterizadas como tal, a startup necessita apresentar algumas características próprias, como a base intensiva e tecnológica, modelo de negócio escalável e que ofereça produtos para o mercado financeiro.

As Fintechs objetivam reduzir o tempo em filas nas instituições bancárias, apresentando uma diminuição dos processos bancários, estes muitas vezes apresentando burocracias, visto que buscam a recriação de ofertas de produtos e serviços do mercado financeiro de maneira simplificada e por meio de sites e aplicativos (FINNOVATIOM, 2017).

Pacual e Ribeiro (2018) destacam que as fintechs apresentam estruturas adequadas, enxutas e com uma pressão reduzida dos reguladores e do Compliance das organizações. Assim, pode-se oferecer aos clientes a transparência necessária nos serviços disponibilizados.

Segundo Ney (2017), o grande impacto oferecido pelas referidas startups no cenário financeiro é cultural, pois as fintechs não demonstram ameaças às receitas, porém lucros, complementando os bancos em nichos específicos.

Ainda de acordo com o autor supracitado, as fintechs auxiliam as pequenas e médias instituições financeiras à reinvenção, ganhando uma sobrevida no referido mercado, visto que esta aproximação é permitida em instituições financeiras de pequeno e médio porte, ao contrário das maiores instituições. Ney (2017) apresenta que as instituições financeiras de pequeno e médio porte podem aproveitar de maneira mais

sinérgica com as novas tecnologias, com a finalidade de ampliar a competitividade, posicionando em um mercado que, diante da globalização, se apresenta a cada dia mais competitivo.

Entretanto, FEBRABAN (2017) destaca que as fintechs vão de encontro à certas limitações decorrentes de instituições novas e as de pequeno e médio porte. De início, existe a complexidade para captar o recurso, insumo essencial para o sistema financeiro. A referida federação apresenta que no Brasil, apenas organizações associadas a uma instituição financeira podem efetuar a realização de empréstimos. Dessa forma, torna-se fundamental a associação.

Classificam-se as fintechs em três modalidades, conforme seus objetivos, sendo: direcionadas para serviços, direcionada para dados e direcionadas para processo. No que se refere às empresas direcionadas para os serviços, são desenvolvidas tecnologias para empréstimos e câmbio. Em segundo, mantém sua atenção na coleta, análise e armazenamento de demais atividades com relação aos dados. Por fim, a última modalidade tem sua atenção no desenvolvimento da eficácia e automação dos processos, de acordo com Vasiljeva e Lukanova (2016).

Silva et al. (2018) explicam que os referidos modelos de negócio buscam apresentar e oferecer serviços relacionados ao mercado financeiro de maneira mais flexível, segura e eficaz, quando comparado aos serviços apresentados pelas consideradas tradicionais instituições financeiras.

De acordo com Casagrande (2017), a existência destas organizações pode estimular o referido mercado, aprimorando as instituições tradicionais, estabelecendo desafios como serviços semelhantes com menor custo, unindo a conveniência com a facilidade.

As estruturas de mercado representam modelos que procuram captar aspectos de que forma o mercado se organiza, como a estrutura que cada mercado apresenta, seus pontos fundamentais no que se refere à oferta e demanda, com base nas particularidades do mercado financeiro, assim como o porte da organização, distinção dos produtos oferecidos, transparência, finalidades, entre outros (PINHO; VASCONCELOS, 2003).

Ainda de acordo com os autores supracitados, a estrutura de mercado dependerá de três particularidades fundamentais, ou seja, a quantidade de organizações que fazem parte do mercado, o produto oferecido e a presença ou não de limites sobre a inserção de novas organizações no referido mercado.

Jesus (2017) destaca que uma estrutura de mercado conta com características próprias, como o nível de concentração estabelecido pelo número e distribuição de tamanho das organizações, o nível de concentração no que se refere aos demandantes e o nível de distinção do produto e as possíveis condições para serem inseridas no mercado.

Casagrande (2017) apresenta que a referência inicial para o surgimento do sistema financeiro brasileiro foi por meio do Banco do Brasil, no ano de 1808. Após este momento, ocorreram continuados e consistentes desenvolvimento no setor financeiro do país, assim como o Plano Real, destacado no capítulo anterior, este que representa uma época de grande relevância nas novas formas de estrutura do setor.

Destaca-se que atualmente, existe uma hipótese de que o mercado financeiro se apresente a cada dia mais como uma contínua competição, visto que as organizações buscam constantemente métodos agressivos para se destacarem, atendendo as demandas dos clientes, estes que a cada dia se encontram mais conectados e exigentes.

Faller e Almeida (2014) destacam que a existência das novas tecnologias no cotidiano da população pode condicionar as organizações a apresentarem produtos e serviços que possam refletir o momento atual. Para uma sobrevivência e competitividade diante do mercado, deve-se aplicar a atividade de elaborar ambientes para os distintos setores de atuação de uma organização, através de uma análise minuciosa das interações entre as organizações, possibilitando determinar finalidades adequadas e melhor aproveitamento dos recursos.

Prevendo as transformações, a organização poderá se antecipar, e assim, utilizará de forma satisfatória os feitos da administração, possibilitando novas estratégias de mercado. Heijiden (2009) apresenta que se deve considerar o contexto e o ambiente no qual a organização pertence, pois o planejamento por cenários poderá contribuir diretamente aos administrações na identificação e implementação de novos métodos, gerando força e poder de decisão diante do cenário atual.

A análise de cenário, atualmente, vem sendo utilizada como uma ferramenta de gestão, embora suas teorias sejam originadas dos militares, visto que possibilita estabelecer métodos que consideram um cenário futuro, analisando os fatores essenciais que influenciarão e impulsionarão o cada negócio, segundo Guedes e Matos (2018).

Considerando representar uma relevante fundamentação de estratégias de uma organização, Braz (2018) destaca que a análise de cenários se apresenta como fundamental para o planejamento estratégico, sendo sua atividade essencial a análise de contextos internos e externos, identificando possíveis fatores que poderão acontecer.

Dessa forma, permite uma compreensão mais transparente e compreendida do cenário na atualidade, possibilitando a tomada de decisão de forma precisa e fundamentada.

Anteriormente ao lançamento de ferramentas como o internet banking, na década de 1990, agências, caixas eletrônicos e teleatendimento representavam os principais canais de relacionamento entre os clientes e as instituições financeiras. De maneira lenta, intensificou-se a utilização de canais eletrônicos, estes que realizam consultas, saques, entre outros.

Com o desenvolvimento tecnológico, internet banking e mobile banking representam a possibilidade das instituições aumentarem a eficiência no serviço prestado, satisfazendo os clientes por possuírem os serviços de forma simples e de fácil compreensão.

Metzner e Matias (2015) destacam que desde este acontecimento, as instituições financeiras buscaram investir a cada dia nas novas tecnologias, garantindo que os clientes possam segurança em suas informações e na realização de transações sem a necessidade de locomoção até as agências físicas.

O cliente atualmente pode escolher o local que irá realizar as transações, tanto por meio de canais eletrônicos, como internet ou mobile banking, agências, entre outros, pois todos os canais são interligados simultaneamente. Embora exista a criação de novos canais, como mobile e internet banking, os canais tradicionais ainda são utilizados e se tornam a cada dia com mais funções disponíveis para os clientes (FEBRABAN, 2012).

Ainda de acordo com a FEBRABAN, ocorreu uma grande inovação com o lançamento dos denominados caixas automáticos, estes que apresentaram serviços de atendimentos ágeis, visto que por meio do caixa eletrônico pode-se efetuar saques, consulta de saldos, transferências, entre demais serviços, de maneira segura por meio da utilização de senha.

Fonseca, Meirelles e Diniz (2010) destacam que para o lançamento dos canais eletrônicos efetuaram diversos estudos qualitativos e quantitativos de significativa magnitude, envolvendo os profissionais para reconhecer a reação dos clientes diante das até então novas máquinas. Os autores destacam que para os envolvidos no processo, foi uma árdua atividade, visto que juntamente com as dúvidas sobre a utilização, surgiram questões relacionadas à segurança. Contudo, os referidos autores que houve uma grande preparação e atualmente pode se confirmar o sucesso do empreendimento.

O sistema brasileiro de interação bancária conta com uma das maiores redes mundiais no que se refere aos números de caixas eletrônicos, representando um parque

tecnológico robusto, que certamente serve de base para a transformação digital que os bancos realizam nos dias de hoje (FEBRABAN, 2017).

Os terminais de autoatendimento das instituições bancárias representam dispositivos eletrônicos que possibilita aos cliente utilizarem variados serviços sem a necessidade de um funcionário, caracterizando assim o autoatendimento.

Destaca-se que estes terminais foram elaborados com o intuito de automatizar funções como saques e depósitos para os clientes com saldos considerados baixos, visto que clientes com maiores saldos ainda efetuavam as transações diretamente no caixa do banco ou com o seu gerente. Contudo, os clientes foram atraídos pelos caixas eletrônicos, por conta de seu horário de funcionamento, fazendo as instituições bancárias observarem que a automatização do atendimento poderia apresentar uma diminuição nos custos. Dessa forma, os caixas eletrônicos se multiplicaram e seu uso aumentaram constantemente, seja para os maiores quando os menores clientes.

No que se refere à internet, representa um meio de comunicação que transforma as maneiras de fazer negócios. Pode-se afirmar que a relação entre os clientes e as instituições bancárias modificaram de forma significativa com a utilização da internet. A gestão da empresa, processo de produção, cooperação com demais organizações, valor de ações de mercado, tudo isso sofreu grandes transformações com a utilização da internet. Assim, é correto afirmar que o processo se modernizou ao ponto de possuir todas as informações sobre a organização em seus computadores.

De acordo com Seybold e Marshak (2000), as instituições bancárias souberam aproveitar as oportunidades oferecidas pela internet como forma de ampliar o atendimento e simplificar as transações dos clientes. No ano de 1995, aconteceram as primeiras ofertas online de serviços financeiros como consultas, transferências, pagamentos, entre outros.

Segundo Diniz (2004), utilizar a internet para ofertar serviços bancários representa uma das grandes inovações tecnológicas relacionadas aos serviços oferecidos pelos bancos nos últimos anos. Relacionado à necessidade dos clientes por uma maior convivência e à constante busca por economia, precisão e automação, o internet banking passou a representar o centro dos debates no que se refere à evolução e futuro das instituições bancárias.

Pode-se afirmar que os serviços bancários são divididos em três categorias e diferenciados pelo nível de interatividade, estes que são classificados em nível básico, intermediário e avançado.



- Divulgação: a internet se apresenta como uma relação para divulgar a informação, tanto de negócios como de publicidade;
- Transação: a internet representa um canal para efetuar as transações bancárias, como agências e caixas eletrônicos;
- Relacionamento: a internet se apresenta como um mecanismo para o desenvolvimento do relacionamento com os clientes.

No que se refere ao mobile banking, representa um canal que possui acesso digital com a utilização de dispositivos como celulares e tablets, no qual o cliente diante do acesso à internet se conectará em todos os lugares para a realização de suas transações sem a necessidade de ir até uma agência física.

A tecnologia da informação se encontra presente no dia a dia da população. A mobilidade é responsável por transformar o comportamento dos clientes de forma que eles possam se relacionar de forma satisfatória com as instituições bancárias. Destaca-se que a cada dia as transações por meio do mobile banking cresce de maneira relevante.

## **NOVAS POSSIBILIDADES E TENDÊNCIAS FUTURAS PARA O MERCADO FINANCEIRO**

Diante da continuada e crescente inovação tecnológica, os modelos considerados tradicionais de instituições bancárias e financeiras se apresenta atualmente como obsoletos. Assim, startups inovam os referidos mercados, como o surgimento de bancos digitais e novas formas de se obter créditos, complementando-se por meio do surgimento de Fintechs, estas que a cada dia conquistam mais espaço no mercado buscando reformular uma nova forma de atuação do sistema financeiro (CORDEIRO, 2017).

Ainda de acordo com o autor supracitado, as novas tecnologias modificaram as formas que os serviços financeiros são apresentados para os clientes, de forma que esta transformação representará um grande impacto na economia.

De acordo com Tigre (2006), as inovações impulsionaram o desenvolvimento, este que não representa somente o desenvolvimento das atividades econômicas, mas um processo de modificação satisfatória da estrutura produtiva.

Santos, Freatas e Souza (2018) apresentam que por meio das inovações é possível que surjam novos serviços e produtos, de forma igual aos novos modelos negócio. Dessa forma, de acordo com os referidos autores, as inovações poderão modificar a estrutura vigente dos mercados financeiros e suas formas de atuarem neste setor.

De acordo com Casagrande (2017), nos últimos anos, diante do desenvolvimento tecnológico e como consequência do alcance mundial das telecomunicações, pode-se apresentar uma gama de produtos e serviços para uma quantidade maior de clientes, permitindo dessa forma a criação de instituições financeiras distintas, a oferecer aos consumidores mais serviços e em mais localidades.

Pacual e Ribeiro (2018) destacam que neste ambiente, a entrada e o desenvolvimento das novas tecnologias poderão modificar a relação entre o mercado e o cliente, pois o mercado financeiro e a prestação de serviços bancários passam por um momento de continuadas modificações.

De acordo com Jesus (2017), as redes sociais, mobilidade e conectividade representam significativos motivadores para tais transformações, desenvolvendo uma nova estrutura de prestadores de serviços, unindo baixos custos, facilidades para os clientes, retornos altos e eficientes, transformando dessa forma o segmento das instituições bancárias.

O segmento bancário se encontra entre as organizações que mais utilizam canais eletrônicos para a mediação de negócios, possibilitando aos seus clientes uma maior eficiência e comodidade. Para tal, ocorreram investimentos importantes para modificar seus sistemas em mecanismos com capacidade de executar transações seguras e ágeis.

De acordo com Abraão, o acesso aos meios tecnológicos representa inovação e revolução no sistema bancário, de forma que os serviços priorizam duplo caminho de eficiência e menor custo, não prejudicando as transações já existentes, de forma online, em uma apresentação transparente de que a internet tende a progredir, seja na função de garantir ao cliente comodidade e eficiência.

No processo evolutivo, o setor bancário e financeiros, possui níveis de concentração elevados e ao longo de sua evolução impôs grandes barreiras à entrada de novas empresa. A tecnologia e as inovações alteraram este cenário, possibilitando que novas empresas surjam como soluções que abrem espaço neste concentrado mercado (FERREIRA et al., 2017).

Por fim, Menat (2016) destaca que a as novas tecnologias bancárias representam uma nova onda de organizações que mudaram a forma de como as pessoas efetuam suas transações bancárias. Cada empresa dessa modalidade possuirá um próprio modelo de negócio, trabalhando no desenvolvimento de soluções que representem a satisfação dos clientes.

Assim, pode-se afirmar que, considerando a constante inovação tecnológica, a cada ano novos modelos de internet ou mobile banking surgirão, apresentando a cada lançamento novas propostas, novos métodos e principalmente, melhor atendimento para os clientes.

## PESQUISA DE CAMPO

Para auxiliar no estudo proposto neste trabalho foi realizado uma pesquisa de campo no modelo “Quantitativa-Descritiva” com um formulário online (Microsoft Forms), disponibilizado no link: <https://forms.office.com/r/RJVv3uNbeG>, também transformado em QRCode. O questionário foi publicado no dia 01/06 e ficou aberto até a data 12/06, foi primordialmente divulgado em meios de comunicação comum as pessoas, redes sociais (WhatsApp, Twitter e Facebook), e oferecido fisicamente no espaço da Etec Da Zona Leste o qual ficou pendurado em locais estratégicos dentro da unidade para outros responderem. Composto de 10 perguntas que visavam melhor compreender os consumidores de instituições financeiras, seus serviços e a relação entre estes, as questões iam de *Qual a sua faixa etária?* a *Vocês está satisfeito com a quantidade de crédito que seu banco te oferece?*

Programado para as respostas serem arrecadas de forma anônima, tornando impossível a mínima especulação de quem respondeu as questões (demonstrando um foco somente na quantidade e não no indivíduo), foi irreal prover constrangimento ou humilhação aos respondentes, o que gerou a eles maior segurança na hora de compartilhar suas opiniões e pensamentos sobre a vida pessoal.

Com um total de 154 respostas (sinalizando que mais de uma centena de pessoas dispuseram de seu tempo para atentar-se à pesquisa), estas foram as perguntas ofertadas e a porcentagem, ou o número de pessoas que escolheram, das respostas:

1. Qual a sua faixa etária?

14 – 21 — 62%

30 – 37 — 10%

22 – 29 — 24%

+38 — 12%

2. Entre bancos *Físicos* e *Digitais*, qual a sua preferência?

Físicos — 20%

Digitais — 80%

3. Entre os bancos abaixo, quais você optaria abrir/ter uma conta baseado no seu conhecimento:

Nubank — 47

Itaú Unibanco — 16

Inter — 34

Santander — 17

C6 Bank — 10

Bradesco — 17

Next — 2

Caixa Econômica Federal — 3



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo trouxe à tona as mais variadas condições que o dinheiro propõe aos consumidores brasileiros e como esse se adapta ao longo dos anos. Embora extensa e abrangente, a pesquisa foi feita de modo a zelar pela integridade das informações ofertadas pelos autores, buscando expor aquilo que foi adquirido, além de disponibilizar análises realizadas pelos escritores desta obra.

Apesar de habitual nos dias de hoje, a história da moeda demonstra-se tão antiga quanto a própria humanidade, visto que uma representa a sobrevivência da outra. Tendo surgido na forma de troca de mercadoria pelas civilizações antigas, em que o valor dum produto podia retratar o de outro através de uma estimativa pouco precisa, essas, foram as precursoras para a noção de valor que hoje é atribuído à moeda.

Também compreendido, deve-se notar a influência que um poder público tem na sociedade, sobretudo quando falado da relação com o dinheiro, dado que a organização tardia para a centralização da produção e estocagem do dinheiro acabou por gerar complicações no passado. Ainda que tenha acontecido, é indiscutível ditar o quanto afetou a população a demora para elaboração desses órgãos constituintes do Estado que devem ser responsáveis pelo poder de compra do povo, uma vez que coletam impostos (o qual mudou não somente a maneira de arrecadar, mas, também o que é recolhido ao longo dos anos, sempre visando aquilo que tinha valor para o ambiente que se encontrava, como o sal na idade média) para reinvestimento na qualidade de vida da sociedade.

Além disso, o aprimoramento das técnicas bancárias que o homem criou permitiu a concepção do empréstimo na forma de crédito, que assim como a própria moeda parte do princípio da crença; não de algo maleável. Tendo tido altos e baixos, ao mesmo tempo que auxilia e prejudica o coletivo, o crédito ostenta o simbolismo do ser de querer mais e ter que trabalhar com expectativas invés de palpável. Como mencionado, é ilustre a influência que o sistema creditício tem nas nações, além de originar ideias de juros, parcelas, empréstimos e financiamentos — este tendo sido responsável pelo crescimento e difusão de tecnologias e acesso a moradia, veículos, maquinários ao povo —, também tem como, inegável, a condição crítica que coloca seus cidadãos de baixa renda. Sempre buscando ofertar crédito, as instituições financeiras muitas vezes optam por um público emocionalmente frágil e pouco instruído que ainda não sabe o que quer, mas deseja mesmo assim, resultando nos jovens periféricos das metrópoles.

Retomando aquilo que foi dito sobre a criação dos bancos, deve-se compreender que a busca por facilidade sempre foi cerne do ser humano, e o nascimento das instituições digitais ocorreu por meio da busca pela praticidade. Nos dias atuais, tais instituições já não estão correndo atrás de seus concorrentes, na realidade estão disputando como iguais (ainda que companhias físicas estejam na dianteira) pela vontade de prover serviços a população. Essas que são invasoras num mercado consolidado, utilizam de novas tecnologias como armas para não serem ultrapassadas, algo que suas competidoras tendem a demorar para replicar. Sobre as fintechs, carece ressaltar a outra nova moda que o setor financeiro encara; startups direcionadas ao setor bancário. Buscando ampliar aquilo que já há no mercado e inovar o jeito que as coisas podem ser feitas, as fintechs ainda estão cavando seu lugar no setor, todavia, já estão ativamente no mesmo e demonstram que, de fato, a tecnologia é o futuro.

Posto isto, enfatizamos que o estudo em si não atua como acusador para ditar se as coisas deveriam ter sido feitas de outro modo, na verdade, comprova aquilo que ocorreu e relata a maneira que ocorreu. Manifestando o desejo do mercado de metamorfosear ao mesmo tempo que interpreta a visão da população sobre o que ocorreu, ocorre e ocorrerá num futuro próximo com a implementação das novas ferramentas e como afetarão o setor como um todo. Transportando as ideias dos mais variados autores, a opinião dos leigos sobre o tema (além do pensamento dos mesmos sobre aquilo que os afeta) e a visão dos autores desta obra para o assunto, finalizamos esse Trabalho de Conclusão de Curso apontando que embora a tese tenha sido terminada, os avanços que o setor produz não, logo, ainda vale a atenção a fim de compreender para onde os estudos irão destrinchar ao longo dos anos.

## REFERÊNCIAS

A história da evolução da moeda no decorrer do tempo. Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Paraná, 2010. Disponível em: <[https://anais.unicentro.br/concisa/iiiiconcisa/tit\\_60000007.htm](https://anais.unicentro.br/concisa/iiiiconcisa/tit_60000007.htm)>. Acesso em: 22, abril de 2022.

ABRÃO, Nelson. **Direito Bancário**. 14. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2009.

AGÊNCIA SENADO. SENADO NOTÍCIAS. Brasil tem 11 milhões de analfabetos, aponta IBGE. [S.l.]. SENADO, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge>. Acesso em: 21 abr. 2022.

ALECRIM, Emerson. **O que é Fintech?** 2016. Disponível em: <<https://www.infowester.com/fintech.php/>>. Acesso em 25 de abril de 2022.

ANA CRISTINA CAMPOS. Agenciabrasil.ebc. População brasileira é formada basicamente de pardos e brancos, mostra IBGE. Rio de Janeiro: Agencia Brasil, 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-11/populacao-brasileira-e-formada-basicamente-de-pardos-e-brancos-mostra-ibge>. Acesso em: 21 abr. 2022.

ANBC. [anbc.gov.br](http://anbc.gov.br). História do crédito. [S.l.]. AGÊNCIA NACIONAL DOS BUREAUS DE CRÉDITO, 2020. Disponível em: <https://anbc.org.br/historia-do-credito/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

ARAÚJO, Marcos Venicius Mourão de. **Investimento em tecnologia nas instituições financeiras e a influência das Fintechs**. Dissertação (MPFE) - Escola de Economia de São Paulo. 2018.



ARTHUR DANTA LEMOS. *empreenderdinheiro*. Financiamento: o que é e quais os tipos existentes?. [S.l.]. Empreender Dinheiro, 2019. Disponível em: <https://empreenderdinheiro.com.br/financiamento/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro**. 3ª edição, São Paulo: Atlas, 2010.

BACEN. [bcb.gov](http://www.bcb.gov). Conheça os tipos de empréstimos disponíveis para consumidores de serviços financeiros. [S.l.]. BACEN, 2018. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/227/noticia>. Acesso em: 30 mai. 2022.

Banco do Brasil (org.). **Histórico da Instituição**. 2010. Disponível em: <https://www45.bb.com.br/docs/ri/ra2010/port/ra/02.htm#:~:text=Fundado%20em%2012%20de%20outubro,hist%C3%B3ria%20e%20da%20cultura%20nacionais..>  
Acesso em: 14 abr. 2022.

BARRETO, Pedro. História – Dinheiro não é vendaval. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2009. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2274:catid=28&Itemid=23](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2274:catid=28&Itemid=23)>. Acesso em: 27, março de 2022.

BERTUCCI, Janete L. Oliveira. **Metodologia Básica para a Elaboração de trabalhos de conclusão de curso**, 1ª Edição, São Paulo, Editora Atlas, 2012.

BIGNARDI, Silvia Dourado Casado, PIACENTE, Fabricio. **Fintech, a inovação no segmento bancário e o uso da tecnologia blockchain, uma análise bibliométrica do estado da literatura**. XIII Workshop De Pós-Graduação E Pesquisa Do Centro Paula Souza – 2018

BNDES. [BNDES.GOV.BR](http://www.bndes.gov.br). Como obter um financiamento BNDES Finame?. [S.l.]. BNDES, 2016. Disponível em:

<https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/finame/como-obter-inanciamento-finame/como-obter-financiamento-finame/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

CARVALHO, F.J.C. SOUZA, F.E.P.SICSU, J. PAULA, L.F.R. STUDART, R. **Economia monetária e financeira; teoria e política**. Rio de Janeiro, Campus, 2001.

Casa da Moeda do Brasil (org.). **Origem do Dinheiro**. 2021. Disponível em: [https://www.casadamoeda.gov.br/portal/socioambiental/cultural/origem-do-dinheiro.html#:~:text=As%20primeiras%20moedas%2C%20tal%20como,martelo\)%2C%20em%20primitivos%20cunhos..](https://www.casadamoeda.gov.br/portal/socioambiental/cultural/origem-do-dinheiro.html#:~:text=As%20primeiras%20moedas%2C%20tal%20como,martelo)%2C%20em%20primitivos%20cunhos..) Acesso em: 10 abr. 2022.

CASAGRANDE, Fernanda de Arruda. **Atendimento digital: dinâmica de implantação de um modelo inovador em um banco de varejo**. Universidade de Brasília, Departamento de Administração – Brasília, 2017.

CLAUDIA ROLLI. FOLHA DE S. PAULO. Jovem da periferia é consumidor com maior peso no país. São Paulo: FOLHA DE S. PAULO, 2014. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/mercado/2014/09/1524627-jovem-da-periferia-e-consumidor-com-maior-peso-no-pais.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2022.

CORDEIRO, A. M., OLIVEIRA, A. P., DUARTE, D. P. **-Fintech - Desafios da Tecnologia Financeira**. Almedina, 2017.

COSTA NETO, Yttrio Corrêa da, **Bancos Oficiais no Brasil: Origem e Aspectos de Seu Desenvolvimento**. Brasília, 2004

DANIEL NEVES. Rede Omnia. **Origem do Dinheiro**. 2022. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-media/renascimento-comercial-europa.htm#:~:text=O%20renascimento%20comercial%20da%20Idade,retorno%20da%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20moeda..> Acesso em: 14 abr. 2022.

DARLAN ALVARENGA. G1. Brasileiro compromete em média 29% da renda com gastos no cartão de crédito, mostra pesquisa. São Paulo: G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/17/brasileiro-compromete-em-media-29percent-da-renda-com-gastos-no-cartao-de-credito-mostra-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 15 mai. 2022.

DESAI, F. **The Evolution of Fintech**. Forbes, Elsevier BV, p. 1–3, dec 2015.

DIETZ, M. et al. **Techreport, Cutting through the noise around financial technology**. 2016.

DIRECIONAL. DIRECIONAL. Tipos de financiamento imobiliário: como escolher o seu. [S.l.]. DIRECIONAL, 2021. Disponível em: <https://direcional.com.br/blog/financas/tipos-de-financiamento-imobiliario-como-escolher-o-seu/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DOS SANTOS, Edson. Do Escambo à inclusão financeira: a evolução dos meios de pagamento. São Paulo: Linótipo, 2014

EBELING, Richard. Como o império romano destruiu a própria economia. Ideias Radicais, 2021. Disponível em: <https://ideiasradicais.com.br/imperio-romano/>. Acesso em: 15, abril de 2022.

EMBRACON. G1.GLOBO. Saiba o que é consórcio e descubra 6 vantagens na compra de uma casa ou carro. [S.l.]. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/especial-publicitario/embracon-consorcio-seu-sonho-realizado/noticia/2020/10/27/saiba-o-que-e-consorcio-e-descubra-6-vantagens-na-compra-de-uma-casa-ou-carro.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ESTADÃO (São Paulo). **Moeda só surgiu no século 7 a.C., na Ásia Menor.** 2002. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,moeda-so-surgiu-no-seculo-7-ac-na-asia-menor,20021207p54410>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ESTADÃO CONTEÚDO. EPOCANEGOCIOS.GLOBO. Sul é única região onde uso de cartões é mais frequente que dinheiro, diz BC. [S.l.]. EPOCA NEGÓCIOS, 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2018/07/epoca-negocios-sul-e-unica-regiao-onde-uso-de-cartoes-e-mais-frequente-que-dinheiro-diz-bc.html>. Acesso em: 21 abr. 2022.

FEBRABAN. **Novas tecnologias elevam eficiência e exigem controle sobre novos tipos de risco.** Disponível em: <https://portal.febraban.org.br/noticia/3063/ptbr/>.2016.

FERNANDA ARAUJO. serasa. Tipos de Crédito: Qual é o ideal para você? | eCred. [S.l.]. SERASA EXPERIAN, 2015. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/ensina/seu-credito/tipos-de-credito/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

FERREIRA, Caroline Agostinho, et al. **Novas evoluções do mercado de crédito: Uma análise sobre as Fintechs Anais do VI SINGEP** – São Paulo – SP – Brasil – 2017

FINNOVATION. **Diferenças entre os bancos e as startups de Fintech.** 2015. Disponível em: <http://finnovation.com.br/diferencas-entre-os-bancos-e-as-startupsdefintech/# sthash.XM0FIMys.dpuf>.

FORTUNA, E. **Mercado financeiro: produtos e serviços.** 13ª edição. Rio de Janeiro, Qualitymark, 2012.

FRIÓSI, Josiane; et al. **Análise exploratória da inovação bancária brasileira e as tendências para o setor.** Revista Gestão Empresarial, Três Lagoas, p.47-57, 2017.

G1. G1.GLOBO. Nordeste concentra mais da metade dos analfabetos do país, diz IBGE. São Paulo: G1, 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/nordeste-concentra-mais-da-metade-dos-analfabetos-do-pais-diz-ibge.html>. Acesso em: 21 abr. 2022.

GABLER, Louise. **Caixas Econômicas: origem e aspectos de seu desenvolvimento. Origem e Aspectos de Seu Desenvolvimento.** 2015. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/265-caixas-economicas-e-monte-socorro>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GREMAUD, Amaury Patrick; TONETO JÚNIOR, Rudinei; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval. **Economia brasileira contemporânea.** 6ª ed. São Paulo, Atlas, 638p. 2005.

INSTITUTO PROPAGUE. [institutopropague.org](http://institutopropague.org). Meios de pagamento no Brasil: avança o uso do cartão de crédito e débito. [S.l.]. Instituto Propague, 2021. Disponível em: <https://institutopropague.org/pagamentos/meios-de-pagamento-no-brasil-avanca-o-uso-do-cartao-de-credito-e-debito/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

JAÍNE JEHNIFER. **Origem dos bancos: surgimento das cédulas e dos empréstimos. Surgimento das cédulas e dos empréstimos.** 2021. Disponível em: <https://investidorsardinha.r7.com/aprender/origem-dos-bancos-historia/#:~:text=Bancos%20atualmente,apenas%20em%201983%2C%20na%20Esc%C3%B3cia..> Acesso em: 10 abr. 2022.

JESUS, Adriana Dias de. **Órgãos reguladores e inovação tecnológica: a transformação digital das instituições financeiras como desafio ao direito.** 2017. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Aprovação no Curso de LL.m em Direito dos Mercados Financeiro e de Capitais, Insper, São Paulo, 2017

JOSE TADEU ARANTES. EXAME.COM. O impacto do fenômeno financeiro nas periferias. [S.l.]. EXAME, 2016. Disponível em: <https://exame.com/economia/o-impacto-do-fenomeno-financeiro-nas-periferias/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

JOYCE CARLA. SERASA . Entenda o que é crédito e como usá-lo a seu favor . [S.l.]. SERASA ENSINA, 2018. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/ensina/seu-credito/o-que-e-credito/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

KIMURA, H. SOBREIRO, V. A. **Inovações em Finanças: Produtos, Instituições e Tecnologias**. Disponível em: [http://cfasociety.org.br/pdf/premio/2018/2-P\\_2018.pdf](http://cfasociety.org.br/pdf/premio/2018/2-P_2018.pdf)  
LOPES, J.C. ROSSETTI, J.P. **Economia monetária**. 7ª edição. São Paulo: Atlas. 2018.

LUANA. **Compras online**: entenda a história e a mudança do comportamento de consumo. entenda a história e a mudança do comportamento de consumo. 2020. Disponível em: <https://agenciaplaz.com.br/blog/compras-online-entenda-a-historia-e-a-mudanca-do-comportamento-de-consumo-2/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MENAT, R. **Por que estamos tão animados com fintech**. In: CHISHTI, S.;

BARBERIS, J. (Coord.). A revolução FINTECH: O manual das startups financeiras. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017. p. 10-12.

METLIFE. **Quem inventou o sistema bancário? Um pouco de história**. 2020. Disponível em: <https://www.metlife.com.br/blog/planejamento-financeiro/Quem-inventou-o-sistema-bancario/#:~:text=No%20ano%20de%201406%2C%20foi,foram%20tomando%20conta%20do%20mundo..> Acesso em: 10 abr. 2022.

MONITOR MERCANTIL. Monitormercantil. Brasileiros são os que mais usam cartão de crédito na América Latina. [S.l.]. MONITOR MERCANTIL, 2019.

Disponível em: <https://monitormercantil.com.br/brasileiros-sao-os-que-mais-usam-cartao-de-credito-na-america-latina/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MULTIRIO (Rio de Janeiro). Secretaria Municipal de Educação. **A cidade do Rio de Janeiro sob a órbita de Portugal: o porto do rio de janeiro. O Porto do Rio de Janeiro.** Disponível em: <http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/50-a-cidade-do-rio-de-janeiro-sob-a-%C3%B3rbita-de-portugal/2441-o-porto-do-rio-de-janeiro#:~:text=O%20Porto%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20tornou%2Dse%20o%20principal,e%20produtos%20manufaturados%2C%20entre%20outros..> Acesso em: 11 abr. 2022.

NATALIA FLACH. cnn.brasil. Brasil fechou 2020 com 134 milhões de cartões de crédito e 167 milhões de débito. [S.l.]. ESTADÃO CONTEÚDO, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/brasil-fechou-2020-com-134-mi-de-cartoes-de-credito-e-167-mi-de-debito-diz-bc/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

NATÁLIA PASSARINHO. G1.GLOBO. Brasil tem 16,27 milhões de pessoas em extrema pobreza, diz governo. Brasília: G1, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/05/brasil-tem-1627-milhoes-de-pessoas-em-situacao-de-extrema-pobreza.html>. Acesso em: 21 abr. 2022.

NIELMAR DE OLIVEIRA. Agenciabrasil.ebc. IBGE: 50 milhões de brasileiros vivem na linha de pobreza. Rio de Janeiro: Agencia Brasil, 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza>. Acesso em: 21 abr. 2022.

OLIVEIRA, A. P., **FinTech: Desafios da Tecnologia Financeira**. Coimbra: Almedina, 2018. 328p.

OLIVEIRA, Danilo Senen Cavallieri de. **Fintechs e inclusão financeira: o caso da implementação de uma plataforma digital de pagamentos em favelas do Rio de Janeiro e São Paulo** - Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. 2018.

PASCUAL, André Wertheimer, RIBEIRO, Vitor Mendes. **O advento das Fintechs**. Rio de Janeiro: UFRJ / Escola Politécnica, 2018.

PEIXOTO, M. T. B. A., **As Fintech como Instrumento de Desenvolvimento: O Caso de Moçambique**, Tese - ISG, Lisboa, 2018.

PINTO, Gabriela dos Santos. **SURGIMENTO DOS BANCOS E PÓLITICA MONETÁRIA NO BRASIL DO SECULO XIX**. 2012. 67 f. Monografia (Especialização) - Curso de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

REIS, Tiago. Moeda-mercadoria: saiba mais sobre esse meio de pagamento. Suno, 2019. Disponível em: <<https://www.suno.com.br/artigos/moeda-mercadoria/>>. Acesso em: 02, abril de 2022.

ROSSETTI, José Paschoal. Introdução á Economia. 17º Ed. São Paulo: Atlas, 1997

SANDRONI, Paulo. Novíssimo dicionário de economia. São Paulo, Editora Best Seller, 1999.

SANTOS, D. dos. FREITAS, W. R. SOUZA, D. **FINTECHS: Análise Do Estado Da Arte No Brasil**. 2018.

SANTOS, R. P. H., **As Fintech na geração Millennials**, Tese - ISG, Lisboa, 2017.  
SERASA EXPERIAN. Serasa Experian. Periferia Jovem passa a ser o grupo social mais consultado pelo sistema financeiro para concessão de crédito, produtos e



serviços, de acordo com estudo da Serasa Experian. [S.l.]. SERASA EXPERIAN, 2012. Disponível em: <https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/noticias/periferia-jovem-passa-a-ser-o-grupo-social-mais-consultado-pelo-sistema-financeiro-para-concessao-de-credito-produtos-e-servicos-de-acordo-com-estudo-da-serasa-experian/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SILVA, Francisco; MARTINELLI, Luis. Introdução à Economia. Paraná: Instituto Federal do Paraná, 2012.

SILVA, Giovanna Debelis Rodrigues. **Difusão da inovação em serviços bancários: o impacto de startups de serviços**. Revista de Casos e Consultoria V. 9, N. 4, e941, 2018

SOARES, Rayane. ESCAMBO. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História, 2014. Disponível em: < <http://www.leah.inhis.ufu.br/node/370>>. Acesso em: 27, março de 2022.

TIAGO LOPES. **História dos Bancos**. 2011. Disponível em: <https://www.historiadetudo.com/bancos>. Acesso em: 14 abr. 2022.

TIGRE, Paulo Bastos. **Gestão da inovação: a economia da tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

UOL. **Como surgiram os bancos?** 2005. Disponível em: <http://clিকেaprenda.uol.com.br/portal/mostrarConteudo.php?idPagina=2528>. Acesso em: 10 abr. 2022

VASILJEVA, T.; LUKANOVA, K. **Commercial banks and fintech companies in the digital transformation: challenges for the future**. Journal of Business Management, n. 11, 2016.

VERSIGNASSI, Alexandre. Crash: Uma breve história da economia. Harper Collins, 2019

VIEIRA, João Pedro. A história do dinheiro. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2017.